
ENSINO MÉDIO

– 3º ANO –

HISTÓRIA

VOLUME ÚNICO

Apostila do 3º ano do Ensino Médio, escrita pelo Instituto São Carlos Borromeu. O conteúdo é indicado para estudo individual domiciliar, apoio escolar ou como material didático escolar.



HISTÓRIA



AULA 04

O SIONISMO E O ESTADO DE ISRAEL PARTE I

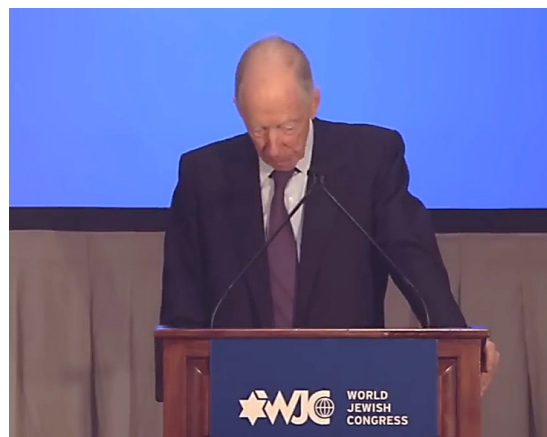
PARTINDO DE QUESTÕES PRESENTES:

ROTHSCHILD, ATUAL GOVERNO DE ISRAEL E SITUAÇÃO POLÍTICA NO ORIENTE MÉDIO

Lord Rothschild e o Congresso Mundial Judaico – O Lord Jacob Rothschild e o Barão David de Rothschild receberam em 2018 o Prêmio Theodor Herzl durante o Congresso Mundial Judaico.

O Congresso Mundial Judaico (WJC) é presidido por Ronald Steve Lauder, um bilionário, filantropo e membro de outras instituições judaicas como: *Jewish Theological Seminary* (Seminário Teológico Judaico, um centro de estudos judaicos onde há profundos estudos do *Talmud*), *United Synagogue of Conservative Judaism* (Sinagoga Unida do Judaísmo Conservador), etc.

Jacob Rothschild afirmou sentir-se agradecido com a premiação. E isto foi assim porque a família Rothschild desempenhou um importante papel no estabelecimento e fundação do Estado de Israel. Durante seu discurso, Jacob reconheceu a respeito de Herzl e Edmond de Rothschild: “*Herzl and the Baron came to share a single objective – the redemption of Israel and the rebirth of the Jewish nation in its historic land.*” (“*Herzl e o Barão [Edmond Rothschild] passaram a compartilhar de um único propósito – a redenção de Israel e o renascimento da Nação Judaica em sua terra histórica.*”). Nossa



Lord Jacob Rothschild – Em 2018, Jacob Rothschild foi homenageado pelo presidente do Congresso Mundial Judaico, Ronald Steve Lauder. A família Rothschild foi prestigiada com o prêmio Theodor Herzl do Congresso Mundial (World Jewish Congress), por causa de sua participação na fundação do Estado de Israel.

tradução). No mencionado evento, Lord Jacob Rothschild reconheceu que sua família continua “*envolvida e comprometida*” com o Estado de Israel, portanto, é bastante razoável afirmar que há certa linha de continuidade na política adotada pela família de banqueiros desde o surgimento do Sionismo, no século XIX, até nossos conturbados dias no século XXI.

A família Rothschild é, sem dúvida alguma, uma das famílias mais discretas e comedidas da Europa. A família possui várias ramificações: há membros da família na Itália, na Alemanha, na França, na Inglaterra, etc. É possível que os ramos mais importantes da família sejam o britânico (em Londres) e o francês. O caso é que, tradicionalmente, os líderes da família Rothschild têm realizado intervenções em vários países do mundo, ao ponto, inclusive, de terem uma importante participação no sucesso do sionismo e na fundação do Estado de Israel na velha região da Palestina.



Em 2017 ocorreu o Centenário da Declaração Balfour. O Primeiro-Ministro de Israel encontrou-se com Theresa May e o atual líder e patriarca da família Rothschild.



Benjamin Netanyahu – Primeiro-Ministro do Estado de Israel.

O atual governo e os partidos políticos do Estado de Israel – Em 2017, o atual Primeiro-Ministro de Israel, Benjamin Netanyahu visitou a Inglaterra para comemorar o centenário da Declaração Balfour. Na Grã-Bretanha, Netanyahu encontrou-se com Lord Jacob Rothschild. No evento do centenário, o líder da maior família de banqueiros do mundo, afirmou que a Declaração do ministro Balfour “*foi o maior evento na vida judaica... um milagre*”.

O Primeiro-Ministro Benjamin Netanyahu nasceu em 1949, um ano depois da Declaração do Estado de Israel em 1948. Nasceu em Tell Aviv, na Palestina, mas estudou nos Estados Unidos até que, ao voltar para Israel, vinculou-se aos grupos considerados de “direita”, cuja ideologia é o *sionismo revisionista*. Esta é, pois, a ideologia do *Likud* (considerado o partido direitista de Israel). O *Likud* defende a existência de um grande Estado de Israel, do estabelecimento de assentamentos judaicos em detrimento dos palestinos e não lhes fazendo concessões a oeste do rio Jordão.

Netanyahu foi Primeiro-Ministro de Israel entre 1996 e 1999. Basicamente, as principais características de sua administração são: a) política de *abertura econômica (liberalismo)*; b) *política nacionalista* e contrária aos palestinos; c) apoio e incentivo ao *processo de expansão de assentamentos judaicos* na Palestina. No processo eleitoral de 1999, Netanyahu foi derrotado pelo velho Partido Trabalhista (*sionismo trabalhista*). Por sinal, ao longo da história do Estado de Israel houve uma alternância no poder entre direita e esquerda. Contudo, o *Likud* vem crescendo nos últimos anos e entre 2009 e 2021, Netanyahu voltou ao cargo de Primeiro-Ministro.

A Mídia Ocidental, e certos grupos religiosos do meio evangélico, muitas vezes vinculam o Estado de Israel à ideia de conservadorismo político ou mesmo aos judeus ortodoxos; além

disso, há toda uma visão estereotipada sobre Israel: costuma-se acreditar que há certo moralismo religioso na região, o que não é verdade. Israel está longe de ser um país “conservador” e mesmo “capitalista”: trata-se de um país *secularizado* e desvinculado da tradição conservadora e religiosa.



Membros do grupo terrorista islâmico Hamas.

A situação atual na região da Palestina – Em 2023, o grupo **HAMAS** promoveu um ataque terrorista contra o Estado de Israel, assassinando várias pessoas.

O Movimento de Resistência Islâmico-Palestino (HAMAS) foi criado em 1987, com base na iniciativa de *sheiks* sunitas do setor palestino da **Irmandade Islâmica**. O principal propósito do HAMAS é a criação de um Estado Palestino, que corresponda a área do território do antigo Mandato Britânico (“*um território desde o rio Jordão até o Mediterrâneo*”). O conflito entre os povos palestinos (e árabes) e os judeus sionistas começou no século XIX e atingiu seu ponto culminante com a criação e expansão do Estado de Israel a partir de 1948.

Como as coisas ficaram desta forma? – Como vimos até agora, eis a situação atual: há um Estado israelita (*secularista*), encravado no Oriente Médio, entre países islâmicos; além disso, este Estado é apoiado por grupos financeiros altamente poderosos e influentes no Ocidente. Portanto, cremos que caberia uma pergunta essencial: *quais as origens históricas desta realidade?* Ou em outros termos: *por que as coisas são assim no Oriente Médio, com relação ao Estado de Israel?* Para entendermos o presente há um método: *procuramos as origens das coisas – das instituições políticas e partidárias, dos conflitos e das diferentes ideologias – no passado.* Eis como procede o historiador, assim como um detetive que busca ardentemente reconstituir o cenário de um crime.

II

VISITANDO O PASSADO: AS ORIGENS HISTÓRICAS DAS TENSÕES ATUAIS – O SURGIMENTO DO SIONISMO

O avanço do secularismo e da tendência imanentista – Os séculos XVIII e XIX constituíram uma época de drástica mudança cultural e intelectual: *uma nova mentalidade formada por uma miscelânea de ideias materialistas, conceitos e erros protestantes, erros filosóficos* (liberalismo, racionalismo, etc.) *e sociedades secretas e esotéricas* (tais como a **Maçonaria**, **Iluminatti** e **Rosacruz**) influenciaram o pensamento de filósofos britânicos (empiristas e deístas) e, depois, franceses (os *philosophes*). Na França do século XVIII, surgiu um grupo de intelectuais saídos da nobreza e/ou da nova classe média, que estavam dispostos a defender as novas ideias “ilustradas”: **anticlericalismo, deísmo, materialismo, naturalismo, liberalismo, constitucionalismo e republicanismo**. *Tais ideias deveriam ser utilizadas como ariete para derrubar a monarquia absolutista e, principalmente, o Catolicismo.*

As raízes deste estado de espírito são profundas e deitam raízes no final da Idade Média. Basicamente, podemos dizer que o Iluminismo do século XVIII era filho do Renascimento Italiano e da Reforma Protestante. Além disso, o Iluminismo estava intimamente ligado aos valores e interesses da Maçonaria, que, nesta época, também havia adotado o **Deísmo** britânico. A partir desta época, e ao longo de todo século XIX, é possível observar que absolutamente todos os grandes movimentos políticos e ideológicos possuem dois traços básicos e essenciais: 1) o **secularismo**; 2) o **imanentismo** (de origem liberal). O secularismo, sem eufemismos, é a **afirmação de autossuficiência da realidade puramente humana e do profano**; trata-se do homem que deseja se libertar da presença da dimensão sacra, ou seja, do Sagrado. Falando em outros termos, tal atitude é a velha atitude humana que se volta ao mundanismo e ao desejo de independência em relação a Deus. É o velho Caim gritando no interior do homem, desejando ter e poder. É este o ponto do imanentismo: a sociedade e as ideias políticas passam a agir de forma imanentista (o homem e seus projetos políticos criam fins em si mesmos, sem abertura para um sentido transcendente e sobrenatural). Eis a situação que surgiu no século XVIII e atingiu seu cume no século XIX e XX.

O Iluminismo Judaico – No século XVIII apareceu no meio judaico um movimento cultural e intelectual denominado **Haskalá** (*Haskalah*, *erudição*, *sabedoria*; do hebraico *sekhel*, *que significa razão, intelecto*, etc.): trata-se basicamente do Iluminismo no meio judaico. Os objetivos deste movimento podem ser resumidos nos seguintes pontos:

Defendia certa adaptação da comunidade judaica ao meio europeu, ao ambiente cultural e civilizacional do século XVIII (**modernização da comunidade**).

Era um movimento de *caráter profano*, **secularista**.

Defendia uma das ideias que inspirou a Revolução Francesa: a **igualdade** (*igualdade jurídica*, uma vez que o homem era visto como um *cidadão*).

Defendeu que os judeus dispersos na Europa formassem um senso comunitário.

Influenciada pelo **liberalismo** e **racionalismo**.

O movimento possibilitou o surgimento de certa elite intelectual judaica secularizada e com tendência nacionalista (outra tendência nascida da Revolução Francesa): tornou-se, portanto, o ambiente intelectual e cultural em que posteriormente surgiu o **sionismo**.

Moses Hess (1812-1875) – Um intelectual judeu do século XIX, influenciado pela visão imanentista, secularista e liberal do século XVIII, foi o socialista **Moses Hess**: um dos primeiros grandes defensores do socialismo e um precursor do movimento sionista. Diferente de Karl Marx, para Hess, o “*motor da História*” não seria a luta de classes (convicção de Marx), mas, sim, a *luta das raças* ou *nacionalidades*. Algumas frases de Hess são úteis para exemplificar a natureza de seu pensamento socialista, imanentista e sionista: a) “*Nosso Deus nada mais é do que a raça humana unida em amor*”; b) “*A Revolução Socialista é minha religião*”; c) (...) “*a raça [dos judeus] ... teve o presságio do tempo messiânico no qual o espírito da humanidade será cumprido... nas instituições sociais de toda a humanidade*”; d) “*todo judeu tem a formação de um messias em si mesmo*...”; e) “*A luta de raças é a principal, a luta de classes é secundária*”; f) “*O judeu deve ser acima de tudo um patriota judaico*...”. De



Moses Hess

acordo com Hess, os judeus teriam um papel no processo da grande revolução messiânica. O grande cientista político e filósofo Eric Voegelin afirmaria que se trata de um típico caso de **imanentização da escatologia**.

De acordo com Richard Wurmbrand, Hess teria sido o fundador de um tipo específico de **sionismo nacionalista** (de teor racial e socialista): “O objetivo dos judeus é o ‘**Estado messiânico**’. Para Hess, fazer o mundo de acordo com o plano divino é provocar a revolução socialista, usando para este propósito as lutas raciais e de classes...”. Moses Hess foi elogiado por Theodore Herzl, que o considerou como um dos maiores pensadores judeus desde Spinoza. Também foi homenageado por Ze’ev Jabotinsky no início do século XX.



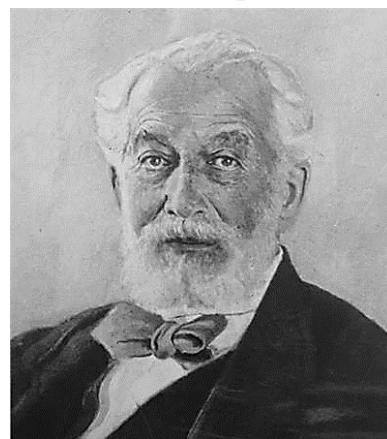
Theodore Herzl

Theodor Herzl – Foi um judeu austro-húngaro, considerado o fundador do **sionismo político**. Nascido em 1860, Herzl testemunhou o fim da Ordem Geopolítica do Congresso de Viena para uma Nova Ordem Internacional, com a ascensão de novos países unificados como a Itália e a Alemanha (Segundo Reich de Bismarck). Esta foi uma época de nacionalismos, permeada pela cultura e pelo *estado de espírito* do Romantismo, quando se mesclavam tendências filosóficas secularistas com paixões políticas, etc., além da expansão do movimento socialismo. Era uma época em que os homens, inquietos, pareciam buscar puramente um reino deste mundo, sem aspirações ao transcendente na maioria dos casos.

Herzl era um “*judeu assimilado*” ao seu ambiente cultural, resultado e ao mesmo tempo prolongador do Iluminismo (de modo geral) e especificamente do Haskalá. Entretanto, em parte tocado pela questão do **antisemitismo** (em países como Alemanha, Rússia e a França do caso Dreyfus), e, por outro lado, profundamente impactado com o livro **Roma e Jerusalém** de Moses Hess, Herzl acabou escrevendo, em 1895, o livro “**O Estado Judeu**” em que defende basicamente: *a criação de um Estado para os judeus como uma solução para o estado de diáspora*. Além deste ponto, outra proposta de Herzl era a criação de um **Congresso Sionista** para que fosse possível orientar esforços na criação do Estado Judeu.

A casa de Rothschild na França – Desde 1878, grupos de judeus passaram a se estabelecer na região da Palestina (na época pertencente ao **Império Turco-Otomano**). Neste mesmo ano, famílias de judeus estabeleceram-se em uma área no norte da Palestina, onde fundaram a colônia de **Rosh Pinna**.

Em 1882, o movimento migratório de judeus e a ocupação de pequenas porções da Palestina para formação de colônias agrícolas foi financiado pelo Barão **Edmond de Rothschild**, o chefe da família Rothschild na França. Inclusive, Edmond de Rothschild (chamado carinhosamente pelos judeus de “O Barão” ou “nosso Barão”), financiou a manutenção de colônias voltadas



Edmond de Rothschild, conhecido como “O Barão” – foi um financiador da migração de famílias judias para se fixarem na Palestina, em uma época em que a região era

para a produção de tabaco, cultivo de uvas (para produção de vinhos) e criação de bicho-da-seda. Duas grandes vinícolas foram abertas na Palestina Otomana, em Rishon LeZion e Zikhron Ya'akov. Rishon LeZion foi fundada principalmente por imigrantes judeus vindos do Império Russo durante a primeira grande onda migratória (**Primeira Aliyah**). No mesmo ano de 1882, foi fundada a **Carmel Winery Corporation**: empresa que constitui a maior produtora de vinho de Israel.

Edmond Rothschild (casado com Adelaide Rothschild) foi o grande financiador do movimento sionista entre o final do século XIX e início do XX, dando o suporte financeiro e econômico para a formação dos primeiros assentamentos judaicos na região.

O “Barão” havia estabelecido parceria com alguns rabinos (**sionismo religioso**), favoráveis ao movimento imigratório e aos assentamentos de colônias na Palestina: o rabino **Samuel Mohilever** foi um dos fundadores “*Amantes de Sion*” (**Hovevei Sion**) e recebeu o apoio financeiro do “Barão” para o estabelecimento de colônias de judeus (saídos do Leste Europeu) na Palestina.



Vítimas de um pogrom no Leste Europeu.

A situação dos judeus na Rússia – A situação dos judeus no Leste Europeu (no Império Russo) era bastante delicada. Perseguições e massacres antissemitas tornaram-se mais frequentes ao longo do século XIX. Este cenário acabou estimulando a formação de grupos políticos (secularistas) preocupados em estimular a emigração dos judeus do Leste Europeu para uma nova terra. Uma grande parcela de judeus russos deslocou-se em direção ao Ocidente, fixando-se nos Estados Unidos da América.

E, como vimos, uma outra leva passou a direcionar-se para a Palestina, a antiga Terra Santa.

Além disso, também foi no contexto do Império Russo que surgiram organizações políticas sionistas como: a) o movimento “*Vinde, ó Casa de Jacó*” (**Bilu**): o movimento tinha um caráter **nacionalista, socialista e profano**; o propósito do movimento era o estabelecimento de comunidades agrícolas na **Palestina Otomana** (Império Turco); b) o segundo movimento é o mencionado **Amantes de Sião**: uma organização precursora do sionismo que teve como líderes o **rabino Mohilever** e o ativista político **León Pinsker**, que procuraram o auxílio da família Rothschild para o estabelecimento das colônias judaicas.

O sionismo revisionista de Ze'ev Jabotinsky – Ze'ev Jabotinsky foi um judeu-russo, que atuou como escritor, poeta,



Edmond e Adelaide de Rothschild, em uma visita na Palestina. O túmulo do “Barão”, que faleceu na década de 30 do século XX, está em Israel.



Ze'ev Jabotinsky

orador, soldado e ativista político. **Ze'ev** se tornou o principal pensador e ideólogo do **Sionismo Revisionista** (considerado como o criador de **Sionismo de direita**, e, portanto, uma das fontes do atual **Likud**).

No século XX, especialmente com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, a divergência do **Sionismo (Revisionista)** de Jabotinsky e o **Sionismo Trabalhista (Socialista)** tornou-se mais acentuada. Jabotinsky alinhou-se ao lado dos britânicos, durante a Guerra, contra o Império Turco-Otomano e foi um dos criadores da **Legião Judaica** (uma unidade de batalhão do Exército britânico, formada apenas por judeus).

Basicamente, o **Sionismo Revisionista** se caracteriza pelos seguintes pontos:

- ***O nacionalismo judaico desmedido***, defensor da ocupação das terras da Palestina e sem estabelecer qualquer forma de diálogo ou concessão aos palestinos e árabes.

- Uma ***política e postura mais agressiva, violenta e hostil***: se necessário apelando ao uso da força.

- Busca do ***apoio de grandes potências ocidentais*** (Inglaterra, França, Estados Unidos, etc.), como meio e garantia da formação de um Estado para os judeus.

- No que se refere ao pensamento econômico, Ze'ev aprovava uma forma de economia baseada no Liberalismo.

O trecho a seguir expressa muito claramente as pretensões de Jabotinsky:

“O meu principal objetivo, como o de tantos outros, é maior, mais vasto, incompreensível, mas não impossível. O objetivo final é dominar a Palestina e restituir ao povo judeu a independência política (...);

“Os meios para atingir este fim estão ao nosso alcance: a fundação, no país, de colônias assentes na agricultura e nos ofícios, o estabelecimento e expansão gradual de todo o tipo de fábricas, em suma – fazer um esforço para que toda a terra e toda a indústria estejam nas mãos dos judeus.

“É, além disso, necessário habilitar jovens e a geração futura para o uso de armas de fogo e depois (estou mais uma vez no domínio na conjectura), depois virá o dia glorioso que Isaías profetizou nas suas palavras ardentes e poéticas. Os judeus proclamarão alto e bom som, e (se necessário) de armas nas mãos, que são senhores da sua antiga pátria.” – Ze'ev Jabotinsky

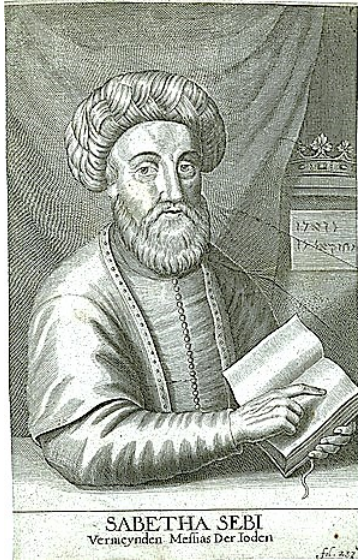


Ze'ev Jabotinsky – fundador da Legião Judaica à serviço do Império Britânico, contra o Império Turco.

III

RETROCEDENTE MAIS UM POUCO: AS ORIGENS MILENARISTAS, MESSIÂNICAS E ESOTÉRICAS DO SIONISMO

Origens messiânicas e místicas do sionismo – Há no judaísmo uma série de tradições místicas e esotéricas, em grande parte fundadas no misticismo da antiga Babilônia. O



misticismo e esoterismo judaico possui sua maior expressão na Cabala (*Kabbalah*, termo que significa “tradição”). Não falaremos aqui profundamente do assunto, mas, para fins de simplificação, basta compreender que a Cabala é a aplicação de certa tradição esotérica e gnóstica aos textos da Torá. Os seguidores do Gnosticismo acreditam que partículas da Divindade (almas) estão presas na matéria (dispersas) e precisam voltar ao estado primordial de união com a Divindade. A Cabala, apesar de toda sua complexidade, possui uma espiritualidade claramente gnóstica.

Misticismo precursor do messianismo sionista –Algumas destas correntes místicas do judaísmo, possuíam não somente uma nostalgia judaica pelo antigo Reino de Israel e Salomão, na época do Velho Testamento, mas tinha uma visão verdadeiramente messiânica com relação aos judeus: acreditavam na vinda de um messias que salvaria a comunidade judaica e de sua situação de diáspora e restauraria um reino. Trata-se de uma visão messiânica bastante parecia com a dos antigos fariseus (e, em alguns casos, com a visão dos zelotes). No século XVII, antes do Iluminismo ocorreu um surto de messianismo no meio judaico com o aparecimento da figura de Sabbatai Zevi: um rabino que afirmava ser o messias e que representava a convicção de que os judeus teriam uma redenção e voltariam à Terra Santa (Palestina). Na concepção do milenarismo e messianismo judaico, o antigo Reino de Israel seria restaurado e teria novamente sua glória e soberania nacional.

A expectativa por um novo Reino e Estado judaico em Israel, portanto, não é algo do século XIX, já existia desde a Idade Média e manifestou-se de forma patética e deplorável no episódio de Zevi, que não passava de um farsante. De qualquer forma, o que nos importa observar com atenção é que este messianismo assumiu uma forma secularizada, profana e revolucionária no século XIX, com o surgimento do Sionismo moderno (Sionismo político de Herzl, o Sionismo Socialista ou Trabalhista e o Sionismo Revisionista).



Havia no interior do judaísmo uma tradição esotérica e misticista/gnóstica. Sabbatai Zevi se apresentou como um messias, mas causou escândalo e desmoralizou a muitos quando acabou se tornando islâmico.

IV

“EM BASILEIA, FUNDEI O ESTADO JUDAICO” THEODOR HERZL

Congresso Sionista de Theodor Herzl – Após a publicação, em 1896, de *O Estado Judeu*, Theodor Herzl liderou a organização do **Primeiro Congresso Sionista**, em 1897, na cidade de Basileia. Os propósitos do Congresso:

Estabelecer uma **Organização Sionista Mundial** (que buscava criar o Estado Judeu na Palestina).



Foto do Primeiro Congresso Sionista, presidido por Theodor Herzl.

Reunir judeus de diferentes países (políticos, intelectuais, líderes religiosos e empresários).

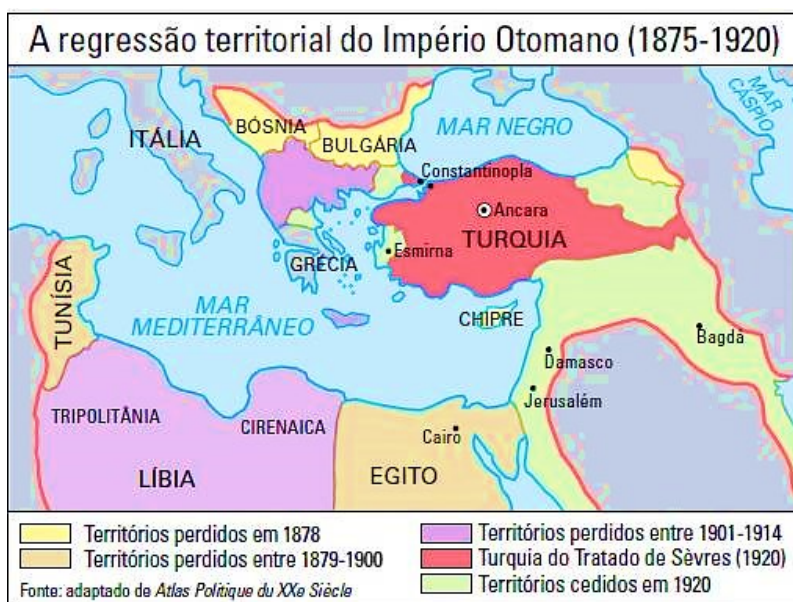
Definir os propósitos do Sionismo, como um movimento político e secular, voltado para a formação de um Estado Judaico.

Uma dificuldade para o Sionismo: o Império Turco-Otomano – No início do século XX, havia uma dificuldade para a criação de um Estado secular e judeu na Palestina: a região pertencia aos domínios do

decadente Império Otomano.

Os britânicos tinham uma série de interesses na desagregação do Império Turco: **a)** o *Império Britânico* desejava expandir sua área de influência no Oriente Médio, local rico em **petróleo**, que era justamente a nova fonte de energia descoberta no final do século XIX, durante a **Segunda Revolução Industrial**; **b)** os britânicos desejavam controlar regiões como o Golfo Pérsico, além de manter o estratégico Canal de Suez; **c)** os Sionistas desejavam criar o Estado Judeu no antigo território do Reino de Israel.

O Império Britânico ao longo do século XX, tornou-se um dos principais apoiadores da formação de um Estado Judeu. É necessário lembrar que em Londres havia um ramo da família Rothschild, e sua atuação em favor do sionismo seria decisiva. Um outro fator que teve grande peso (e foi um elemento fundamental) foi a queda do Império Turco: novamente, a Inglaterra exerceu um papel importante neste evento.



EXERCÍCIOS

1. Quem é o atual presidente do Estado de Israel e qual sua orientação política e ideológica?

2. É possível considerar (como muitos fazem) o Estado de Israel como um “Estado religioso”? Responda e justifique sua resposta.
3. Quais são os partidos políticos de Israel?
4. Qual a importância e influência da família Rothschild na criação do Estado Judeu?
5. O que é o HAMAS? Explique.
6. Quais as origens messiânicas, milenaristas e esotéricas do Sionismo? Explique.
7. O que foi a Haskalá judaica? Explique.
8. Explique quem foi Moses Hess e qual seu papel no desenvolvimento do Sionismo.
9. Qual a importância de Theodor Herzl para formação e consolidação do movimento sionista? Explique.
10. Por que é correto afirmar que o sionismo é uma visão secularista e imanentista do messianismo judaico? Explique.
11. O que foi o chamado “Sionismo Revisionista” de Ze’ev Jabotinsky? Explique.
12. Por que havia um interesse britânico e sionista pelo declínio e desagregação do Império Turco-Otomano? Explique.



AULA 05

O DRAMA DO HOMEM MODERNO: A SOCIEDADE HUMANA AMPUTADA DA VIDA ESPIRITUAL

I

AS DUAS CIDADES



Santo Agostinho e a Cidade de Deus –

Santo Agostinho observou que há duas atitudes básicas pelas quais o homem pode agir: **a)** uma atitude fundada nas virtudes da *humildade*, da *prudência* e da *esperança* – de tal forma que o homem mantém-se desprendido das coisas mundanas e vive uma forma de vida voltada para as coisas do Alto (uma vida ordenada a Deus); **b)** por outro lado, o homem pode também desenvolver uma *atitude de apego a si mesmo*, *cultivando seu orgulho* e *soberba*, e, portanto, mantendo-se um homem puramente terreno (um homem horizontal) e fincado nas coisas mundanas.



Santo Agostinho

De acordo com Santo Agostinho, o combate entre a Cidade de Deus (Igreja, Jerusalém espiritual e mística) e a Cidade dos homens (o mundo do orgulho, do pecado, da soberba e de todos os vícios) foi revelado pela primeira vez no episódio de **Caim** e **Abel**.

Antes de falar propriamente de Caim, vamos tratar a respeito de Abel. Este filho de Adão e Eva, pode ser considerado a partir de alguns aspectos destacados pelos padres da Igreja: **a)** *Abel como justo*; **b)** *Abel como pastor*; **c)** *Abel como sacerdote*; **d)** *Abel como mártir*. Façamos uma breve consideração de cada um destes aspectos, partindo, claro, do princípio:

Abel como justo – São Gregório referiu-se a Abel como um justo eleito suscitado pela Igreja, assim como São João e Nosso Senhor Jesus também se referiram ao bom filho de Adão e Eva como um homem justo (“*As obras de Abel eram justas*”, I João 3, 12). Na Carta aos

Hebreus declarou-se que “*pela fé, Abel ofereceu a Deus sacrifícios mais excelentes que Caim, por eles foi declarado justo*” ... (Hebreus 11, 4). Depois da Queda de nossos primeiros pais, Abel foi o primeiro homem justo e voltado para uma vida interior em Deus.

Abel como pastor – Caim era agricultor. Abel era pastor. Esta diferença é muito significativa: como nos ensinou Santo Hilário, Alberto Caturelli, padre Alfredo e tantos outros padres da Igreja, o pastor de ovelhas não vive fixado em algum lugar, não é um homem sedentário, mas busca proteger seu rebanho, alimentando-o em diferentes paragens. O pastor desloca-se de um lugar para outro, coletando frutos de árvores e bebendo água dos rios; em seu coração há confiança e esperança em Deus. O pastor vive neste mundo, perambulando de um lugar para outro, mas não se prende ao terreno. A maior preocupação do pastor é proteger e conduzir com zelo seu rebanho.



Abel como sacerdote – Conforme o padre Alfredo, o sacrifício oferecido por Abel a Deus pode ser considerado um típico e claro gesto sacerdotal. Santo Hilário considera Abel uma figura (um tipo, ou prefiguração) de Cristo: “*O sacrifício de Abel já é agradável por ser a figura da Igreja, que então haveria de oferecer, entre as primícias das ovelhas, o sacrifício do santo Corpo...*”. Na antiga arte sacra cristã, na época dos primórdios do Império Bizantino, Abel era retratado ofertando ao Senhor Deus o primeiro e melhor de seus cordeiros; o gesto sacerdotal de Abel era mostrado ao lado da figura de Melquisedec, o rei-sacerdote da época antiga (prefiguração do Cristo).

Abel como mártir – Com a mesma pureza e ingenuidade de coração com que sacrificou o novilho a Deus, Abel acompanhou seu irmão Caim até o campo, onde foi brutalmente morto. Caim, repleto de orgulho, vaidade e inveja, cometeu o primeiro assassinato da História; por outro lado, Abel deu início à longa lista de vítimas mártires. Ele foi o primeiro mártir da História: o ato sacrificial que realizou para Deus, também predizia seu próprio sacrifício nas mãos de Caim.

Abel também foi um cordeiro, manso e puro, sacrificado. Neste aspecto, também foi uma prefiguração do Cristo que se deixou sacrificar. Santo Hilário também nos ensina algo memorável: Caim, irmão mais velho, representaria o Povo de Judá (o Povo da Antiga Aliança), que, repleto de preocupações com questões políticas e cego para a presença do Filho de Deus, com inveja no Povo da Nova Aliança (a Igreja Cristã), sacrificou o Verbo Encarnado.

Caim e Abel – Caim é sinal e manifestação da Cidade dos Homens; por outro lado, Abel é um homem espiritual: como pastor confiante em Deus, viveu em função do Alto, em

função de Deus. Possuía uma vida voltada na vertical. Caim estava fixado no plano puramente horizontal, suas preocupações eram profanas. Abel era um pastor que viveu como um peregrino neste mundo; Caim foi amaldiçoado e se transformou num errante que procurou refúgio no país de Nod.

Santo Agostinho nos ensina que a oposição entre Caim e Abel é o início da oposição entre a Cidade de Deus e a Cidade dos homens. Caim foi realmente um fundador de cidades, fundadas no desejo de poder e autossuficiência. O historiador judeu Flavio Josefo afirma, em sua obra História dos Hebreus, que a linhagem de Caim era formada por homens cruéis, ímpios e corruptos.



Representação de Nemrod por David Scotte, no século XIX d.C. Observe o efeito visual da pintura: parece que olhamos Nemrod de baixo para cima; além disso, ele parece bradar contra os céus, contra Deus. Nemrod e sua cidade (Babel) são sinais da Cidade dos Homens.

A cidade de Caim (Cidade dos Homens) está fundada no orgulho, na soberba, no sangue e no ódio. De acordo com Santo Agostinho, portanto, Caim foi realmente um fundador de um mundo autônomo, fundado no desejo desmedido de poder e que busca prescindir de Deus.

Babel, a cidade de Nemrod – A atitude soberba de Caim reaparece com a figura de Nemrod. Depois do Dilúvio enviado por Deus para renovar a humanidade e todas as coisas, purificando o mundo do pecado e da corrupção em que caíra, surgiu a figura de Nemrod (bisneto de Noé).

Nemrod fundou duas famosas cidades: Nínive e Babel (Babilônia). Esta última era a grande e rica cidade do Mundo Antigo, na qual foi construída a Torre de Babel. De acordo com o historiador Flavio Josefo, Nemrod (que era um caçador e homem forte e valente) enganou os homens na planície da Mesopotâmia: Nemrod lhes disse que Deus pretendia enganá-los e enviar outro Dilúvio. E assim Nemrod lhes sugeriu que fosse construída uma imensa torre, de forma que caso houvesse outro Dilúvio, as águas não atingissem o cume da torre.

Nemrod desejava firmar um reino puramente humano, que não contasse com a presença de Deus, que não estivesse ordenado a Deus. Nemrod simboliza o desejo egoísta de autossuficiência: a cidade da perdição (Babilônia) e sua Torre são sinais da Cidade dos homens.

“Quantas correntes ideológicas, quantas modas do pensamento. A pequena barca de muitos cristãos foi muitas vezes agitada por estas ondas, lançada de um extremo ao outro: do Marxismo ao Liberalismo, até à libertinagem; do individualismo ao coletivismo radical; do ateísmo a um vago misticismo religioso; do agnosticismo ao sincretismo e por aí adiante.” – Papa Bento XVI

II

O HOMEM MODERNO



Antônio Gramsci: ideólogo socialista italiano. Gramsci escrevia usando uma terminologia própria, mas fundada na visão socialista. É um claro representante e defensor da Cidade dos Homens. O próprio Gramsci estava ciente disso quando escreveu que o socialismo “é a religião que deve aniquilar o Cristianismo.”. Deus deveria ser aniquilado da consciência dos homens, que deveriam valorizar unicamente o próprio homem como realidade espiritual.

Os marxistas reconhecem e confessam este aspecto do pensamento de Gramsci: “Há, no jovem Gramsci, uma religião laica da imanência, identificada com a absoluta autonomia da história...” (...) “A filosofia da práxis (como Gramsci chamava o Marxismo) escolhe enraizar-se na imanência...”; trata-se de um “neo-humanismo”: uma afirmação da autossuficiência do homem. É Babilônia rediviva. A **Idade Contemporânea** (a **Modernidade**) é, assim, caracterizada por esta expansão da vida profana e secular: a vida humana tornou-se padronizada e uniformizada em função dos valores seculares e dos ideais liberais desta nova sociedade estabelecida com a Revolução Francesa: uma nova Babilônia que deseja afirmar-se e se impor a todo custo. Neste sentido, o historiador Christopher Dawson fez observações memoráveis a respeito destas coisas:

A profundidade e a gravidade da crise – O que é a sociedade moderna e contemporânea senão uma afirmação dos homens contra Deus? O que é o Liberalismo, o Positivismo, o Socialismo, as ideologias tecnocratas (Tecnocracia) e transhumanistas senão uma rebelião dos homens contra a vida sobrenatural? O *homem moderno é secularista e imanentista*.

Os membros da Cidade dos homens, seus líderes e pensadores, conscientes da própria situação, reconhecem tal condição e realidade: o ideólogo comunista Antônio Gramsci afirmou que a essência do socialismo é a **imanência** (do latim, *permanecer em* ou *permanecer dentro*), ou seja, a afirmação desta realidade puramente humana e separada de Deus. De acordo com Gramsci, o Socialismo se caracteriza por ser uma negação da transcendência e da vida sobrenatural; neste sentido, o movimento deseja concluir a “**terrestrialização**” da vida humana, iniciada pelas revoluções europeias (especialmente a Revolução Francesa).



O pai e fundador do Positivismo, Augusto Comte, dividiu a História em três períodos: o Teológico, o Metafísico e o Positivo. Comte acreditava no progresso da civilização e terminou sua vida afirmando que o Positivismo era a religião da Humanidade (o objeto de culto do homem é a própria humanidade).



A condição angustiante do homem moderno: há alternâncias de humor e crises de afeto que vão dos delírios de onipotência e confiança absoluta no progresso tecnológico até o sentimento de completo vazio existencial (perda de sentido) e depressão. Os homens da Modernidade ao mesmo tempo que vivem de forma egoísta e individualista tornaram-se homens-massa.

que deixa sua marca na mente de todos os homens e mulheres e impõe o mesmo padrão de conduta a todas as atividades humanas.” – Christopher Dawson (1930), em o Julgamento das Nações.

E ainda afirma:

“No decorrer dos últimos dois séculos, a raça humana vivenciou as maiores mudanças de que se tem conhecimento desde o começo da História. O homem adquiriu um poder sobre a natureza que ultrapassa os sonhos dos magos e alquimistas do passado. **A face do mundo foi alterada.** (...) O mundo fechado do Oriente antigo foi aberto e trazido para mais perto de nós do que a Inglaterra era para a Itália um século atrás. Mesmo os selvagens das selvas e tundras têm sido arrancados de seu isolamento pré-histórico e forçados a se adaptar, de alguma maneira, aos padrões ocidentais. **Em toda parte, da Irlanda ao Japão, da Palestina à Califórnia, os homens estão vestindo as mesmas roupas, usando as mesmas máquinas, vendo os mesmos filmes, lendo os mesmos livros e até mesmo pensando as mesmas coisas.**” – Christopher Dawson, em *Os deuses da Revolução*.

Características básicas do Homem Moderno – Conforme nos ensina o padre Alfredo Saenz, o termo “Homem Moderno” é utilizado para nos referirmos aos homens cuja forma de vida é um produto ou resultado de um longo processo revolucionário: a **Renascença Italiana** (o humanismo renascentista), a **Reforma Protestante**, o **Naturalismo** e o **Deísmo** do século XVII, o **Iluminismo** do século XVIII, a **Revolução**

Francesa (com seus desdobramentos) e a **Revolução Russa** de 1917 moldaram a forma de vida dos homens e formaram a *mentalidade liberal, materialista e laicista* dos nossos dias.

O Homem Moderno possui assim uma série de características: **a) desenraizado; b) hedonista; c) relativismo; d) naturalismo; e) imanentista; f)** vive em constante **neurose noogênica** (existencial, possui um *vazio de sentido*) e **f)** busca algum tipo de espiritualidade no *esoterismo* ou *ocultismo*. Vamos observar cada uma destas características que plasmadas e conjugadas formavam a vida do Homem Moderno:

Desenraizamento – na Modernidade, os homens vivem como *átomos soltos e sem laços reais e profundos* (sem raízes fixadas no solo de um ambiente familiar e social). Esta é uma situação anômala. Em outras épocas, na Antiguidade e na Idade Média, havia um senso de vida comunitária; os indivíduos se desenvolviam a partir de um ambiente social e familiar com instituições bem estabelecidas. As famílias eram maiores e, geralmente, chefiadas por um líder (um *pater famílias*) ou protegidas por um chefe guerreiro (*senhor feudal*). Os homens medievais viviam majoritariamente no campo, nos feudos, onde trabalhavam, participavam das festas paroquiais, iam à Santa Missa. Havia, portanto, uma continuidade nesta vida familiar e comunitária (social). Além disso, os homens eram religiosos e acreditavam na vida sobrenatural. Também na Idade Média, nas cidades, existiam organizações comunitárias e bem estáveis no ambiente urbano: as *corporações de ofício*. Por outro lado, os homens da Modernidade vivem desarraigados: os laços familiares e comunitários parecem voláteis, quando não totalmente inexistentes; as famílias formadas por muitos membros deram lugar ao fenômeno da “*família nuclear*”. Os homens parecem viver de forma isolada, fragmentada, sem valores claros e definitivos e sem sentido do sagrado. Os homens do século XX e XXI são como as plantas artificiais (incapazes de extrair a riqueza dos nutrientes do solo, ou os benefícios da luz que vem do alto): não estão fincados num ambiente social com continuidade e não são membros do organismo sobrenatural (a Igreja).



Hedonismo – o Homem Moderno desenvolveu uma forma de vida baseada na busca incessante de prazer e, clara negação do sofrimento: há comida em excesso, estímulos visuais em excesso, estímulos auditivos em excesso. Ao invés de buscar o sentido de transcendente e a finalidade sobrenatural de sua vida, os homens querem satisfazer suas pulsões mais inferiores e os instintos mais animais. O Homem Moderno se diferencia das civilizações antigas e, especialmente, da medieval, pois para ele o prazer é o gozo dos bens materiais e a atitude de confiança é no progresso técnico.

Os homens nascidos neste contexto da civilização moderna vivem, portanto, uma forma de vida puramente exterior, sendo absolutamente incapazes de se interiorizar, de formar um conhecimento verdadeiro a respeito de si mesmos. Tudo é excessivo e a negação do prazer é visto como um mal terrível e intolerável. É possível observar que isto encontrou uma repercussão poderosa na esfera da sexualidade.



Papa Bento XVI procurou denunciar com muito empenho e clareza a ditadura do relativismo que marca a nossa época.

Relativismo – existe uma inclinação *subjetivista* e *relativista* na sociedade moderna. Para os modernos não há a verdade; tudo quanto existe é resultado de uma construção social. Ou ainda a verdade é relativa a cada pessoa, ou a cada cultura ou sociedade. Para os relativistas não há verdade objetiva e nem valores absolutos (o que pode existir é uma convenção, um “consenso” de autoridades científicas ou uma mera convergência de ideias e opiniões). De forma resumida, podemos identificar as origens do relativismo e do subjetivismo moderno em algumas figuras como: **a) Lutero** (que criou o princípio do “livre exame da Escritura”, conforme o qual cada indivíduo poderia interpretar a Bíblia da sua forma, prescindindo da Tradição e do Magistério da Igreja); **b) René Descartes**, o pai e fundador do Racionalismo Moderno, que afirmou a primazia do eu pensante em face da realidade (“penso, logo existo”); **c) Montesquieu** acabou defendendo o relativismo religioso e cultural ao afirmar que o imperador asteca Montezuma estava certo quando

afirmou que a religião dos astecas era a melhor para seu povo, enquanto o catolicismo era o melhor para os espanhóis...; **d) Herder** (membro do idealismo alemão), um dos pais do *historicismo* e das tendências nacionalistas do século XIX, afirmava que havia um “Geist” (Espírito) que estruturava cada povo: cada Nação teria seus padrões culturais, sua língua, sua vida religiosa, que não deveriam ser julgados conforme valores universais; **e) David Hume**, um dos pais do ceticismo moderno que defendia a tradição e os costumes sociais britânicos, também afirmou que o sentimento era o último critério de valoração moral.

Naturalismo – o Naturalismo é uma tendência que surgiu há, no mínimo, dois séculos. Podemos localizar suas origens na segunda metade do século XVII, mas ganhou força cultural especialmente no século XVIII (Era do Iluminismo). Trata-se de uma hipervalorização da Natureza (entendida aqui como mundo material, claro, mas também como o ambiente social e a estrutura física e matemática que fundamenta o universo material). No que se refere à religião, o Naturalismo se oriunda da concepção de que os seres humanos podem prescindir da ordem sobrenatural: o Mundo é visto como uma espécie de “máquina” que funciona conforme leis físicas (as Leis de Newton), de forma determinística, e, portanto, caberia aos homens compreender o funcionamento lógico-racional desta máquina. Os naturalistas não se preocupavam com a existência de um Deus transcendente que age no curso da história humana. Para eles, se houvesse um Deus, seria uma espécie de “Arquiteto”, “Demiurgo” ou “Relojoeiro” que criou a máquina do mundo e não interveria mais no funcionamento desta realidade. Essa visão de uma divindade distante, incerta, ausente e criadora de um mundo mecânico é chamada de Deísmo.

O Naturalismo expressou-se intelectualmente através do Racionalismo: uma valorização da Razão como único meio de conhecimento.

Imanentismo – este talvez seja o tema mais importante, central e dramático para compreendermos profundamente a situação do Homem Moderno. Imanência é um termo de origem latina: vem de *in* (*em, para dentro*) e *manere* (*permanecer*). O ***Imanentismo*** pode ser considerado como um tipo de pensamento filosófico/intelectual em que a *ideia de imanência* possui um papel fundamental. Como vimos, as ideologias – como o Positivismo de Comte, o Socialismo, o Liberalismo e as ideologias tecnocráticas e transhumanistas – são imanentistas; ou seja, tais ideologias (humanistas) afirmam que a finalidade da vida humana estaria fixada e fincada tão somente neste mundo (no mundo material e na historicidade). Todavia, há uma questão que pode passar despercebida: sempre que o homem busca um sentido para sua vida, este sentido não pode ser imanente, mas, sim, ***transcendente!***



Filósofo Eric Voegelin

É neste ponto que se torna possível vislumbrar o truque malicioso das ideologias: cada ideologia moderna criou uma espécie de *miragem*, pela qual os homens se tornam capazes dos maiores sacrifícios. O Positivismo de Comte defende uma felicidade fundada na sociedade tecnológica e administrada por cientistas (“novos sacerdotes”); para ele, em algum momento, a Sociedade chegará ao auge. O Idealismo e Iluminismo de Kant advoga a Paz Perpétua. Marx, a partir de sua análise das condições da sociedade industrial e capitalista, defendeu a sociedade igualitária que se realizaria através de uma revolução violenta: o Comunismo seria o último estágio do processo histórico (o fim da História). E, aproveitando-se desta expressão, até mesmo liberais como Francis Fukuyama, depois da Guerra Fria, falaram no “Fim da História”: o Triunfo de uma Nova Ordem Internacional, a Sociedade Liberal.

Em todas estas visões há um truque: estes autores, para usar um conceito de Eric Voegelin, *imanentizaram a escatologia* cristã: a ideia de um Fim dos Tempos, de um Apocalipse seguido do Paraíso foi “puxada” para este mundo Natural puramente humano.

Carência de sentido – Apesar do truque mencionado acima, o imanentismo é, conforme o próprio Gramsci, um aspecto central da Modernidade e é essencial para o Marxismo. O imanentismo é a negação de um sentido objetivo, transcendente e sobrenatural para a vida humana. Ora, uma vez que o Homem Moderno vive uma busca constante de prazeres sensíveis nunca satisfeitos e que não possui um sentido claro e



Quadro de Edvard Munch – O Grito
Em pleno apogeu da civilização industrial, o quadro expressa a situação paradoxalmente angustiante do Homem Moderno.

transcendente para a própria vida, consequentemente, em algum momento, será afetado pela sensação de vazio existencial.

Na Modernidade, os homens buscam autorrealização, sucesso profissional, acúmulo de dinheiro, etc., mas, no fim, não têm um sentido último desde o qual suas ações são ordenadas (não têm sentido). Há um descompasso entre o progresso material, vida moral e sentido da vida. Todo este quadro que foi esboçado nos revela que os homens da Modernidade, em algum momento, sofrem (ou sofrerão) pelo sentimento de vazio existencial (“complexo de sentido”), de frustração existencial – uma forma de neurose observada por Viktor Frankl.

A fuga para as pseudoespiritualidades e para o Esoterismo – uma vez que, em algum momento, o homem sofre com o vazio de sua existência perante um mundo que nega o sobrenatural e que falsificou a História da Igreja e da Europa cristã, este homem, esmagado pelo peso de ideologias materialistas e entorpecido de ideias contrárias ao Cristianismo, tenderá a buscar alguma válvula de escape, procurará uma fuga em alguma forma de pseudoespiritualidade e misticismo, como meio de saciar sua sede de sentido, de vida sobrenatural. Em uma tentativa desesperada para realizar-se, para encontrar a finalidade ou o sentido de sua existência, o Homem Moderno acaba caindo no erro do Esoterismo, do Gnosticismo ou na crença em Magia. Esta é uma das raízes do movimento esotérico e panteísta da **Nova Era (New Age)**.



Imagem de um integrante do movimento alemão “Reforma de Vida”



Para corroborar este último ponto, basta observarmos um fato muito curioso, que às vezes parece passar despercebido: *quando surgiram os movimentos ocultistas, esotéricos e de religiões orientais* (com várias seitas e “sociedades secretas”)? No século XIX. O século XIX foi a época do advento da Revolução Industrial, das incontáveis invenções tecnológicas que

transformaram o Ocidente, foi a época do Positivismo e do Cientificismo, assim como da negação da Metafísica. Foi exatamente nesta época que, ao mesmo tempo surgiram figuras

como Madame Blavatsky, movimentos como o Orientalismo Alemão, seitas gnósticas e o movimento “**Lebensreform**” (“Reforma de Vida”) na Alemanha, que defendia um humanismo ecológico, contrário à Revolução Industrial, e que procurava valorizar um contato com a “Mãe Natureza”. O movimento Lebensreform possuía muitos elementos que depois foram retomados pelos hippies e pela New Age.

EXERCÍCIOS

1. A figura de Abel pode ser meditada a partir de alguns aspectos destacados pelos Padres da Igreja. Quais?
2. Por que Caim e Abel seriam a primeira manifestação do conflito/tensão entre a Cidade dos homens e a Cidade de Deus? Explique com base na aula.
3. Explique sobre o simbolismo e sentido espiritual das figuras de Nemrod e da Torre de Babel.
4. O que seria imanência? E o que o ideólogo italiano Antônio Gramsci dizia a respeito? Explique.
5. Seria correto afirmar que a Modernidade está formando uma nova Babilônia e que a vida dos homens se tornou padronizada e uniforme em todos os lugares do planeta? Responda com base nos escritos do historiador Christopher Dawson.
6. Quando usamos o termo “Homem Moderno”, estamos nos referindo a uma realidade que é fruto de um certo processo. Explique.
7. Quais as características básicas do Homem Moderno? Cite-as.
8. Por que na Modernidade os homens tornaram-se (ou estão tornando-se) desenraizados? Explique.
9. O que seria o hedonismo? E o relativismo?
10. Explique, com base na aula, por que o Homem Moderno acaba passando de uma atitude orgulhosa e arrogante sobre si mesmo e o progresso, para uma atitude de desespero? E como o esoterismo e o misticismo acaba desempenhando um papel neste último estágio?



AULA 09

A SITUAÇÃO DA ALEMANHA: A FORMAÇÃO DO SEGUNDO REICH E AS IDEOLOGIAS QUE GERARAM O NAZISMO

I

A SITUAÇÃO POLÍTICA DA ALEMANHA NA ÉPOCA DO SEGUNDO REICH



século XIX e o surgimento do Segundo Reich – As origens do *movimento nacional-socialista alemão* (nazismo) remontam a um período antigo da Alemanha. Muito tempo antes da Revolução Francesa e da Revolução Industrial, nos últimos séculos da Idade Média e na época da rebelião de Lutero, a Alemanha dava sinais de um patriotismo exacerbado e rebelde. Tal manifestação do nacionalismo alemão, por vezes, foi chamada de *pangermanismo*. No século XIX, depois que Napoleão Bonaparte havia dissolvido o **Primeiro Reich** (Sacro Império Romano-Germânico), que tinha cerca de mil anos de existência, o movimento pangermanista ganhou força no norte da Alemanha e o Reino da Prússia comandou o processo de unificação da Alemanha, concluído em 1871. Nascia, assim, na segunda metade do século XIX, o **Segundo Reich**, sob comando do ministro Otto von Bismarck (“o chanceler de ferro”).

ALEMANHA UNIFICADA

O novo país surgiu a partir da união de dezenas de estados



Bismarck havia derrotado grandes potências como o Império Austríaco e o Império Francês (de Napoleão III); após a derrota da França, Bismarck conseguiu concluir a unificação da Alemanha, que aparecia, assim, como uma nova potência apta e capacitada a concorrer com os interesses britânicos e franceses. A indústria armamentista e a indústria de base da Prússia cresciam rapidamente e de forma vertiginosa. Após consolidar o Segundo Reich, **Bismarck travou uma guerra cultural contra a Igreja Católica**, o nome desta política anticatólica do chanceler era “**Kulturkampf**” (“**Luta Cultural**”).



Otto von Bismarck responsável pelo processo de unificação da Alemanha (Segundo Reich) e pela perseguição ao catolicismo (Kulturkampf), especialmente a partir de 1872.

O novo Império Alemão (Segundo Reich) era formado por cerca de 25,5 milhões de protestantes (anticatólicos) e 15 milhões de católicos. Havia várias regiões no sul da Alemanha que eram católicas, e a educação destas áreas era responsabilidade das comunidades católicas e das igrejas locais. Bismarck considerava que havia três inimigos do Estado alemão: a França (majoritariamente católica), o Império Austríaco (católico) e a própria Igreja Católica (e o Papa). Além da oposição dos protestantes (luteranos e de outras denominações), a Igreja também sofreu críticas dos *liberais e defensores da “modernização”*, que acusavam os católicos de “medievalistas” e “antimodernos” e “contrários ao progresso”.

Foi assim que Bismarck implementou sua política anticatólica, tendo o intuito de impedir o avanço do catolicismo na Alemanha, o crescimento das Ordens monásticas, da educação católica e secularizar a política e o Estado alemão. As principais medidas de Bismarck e dos liberais do Reichstag foram respectivamente:

Em 1871, foi lançada a “**lei do púlpito**”: o clero foi censurado de falar de assuntos de Estado ou da situação política do Reich. Caso contrário, os membros do clero poderiam ser presos, por expressar em público opiniões políticas ou críticas.

Em 1872, foi lançada a “**lei prussiana de supervisão escolar**”: a educação foi secularizada, o clero (padres, bispos e monges) foi excluído do processo educacional e não poderia supervisionar o ensino primário na Prússia.

Em 4 de julho de 1872, foi lançada a “**lei jesuíta**”: a Ordem da Companhia de Jesus de Santo Inácio foi banida do Império Alemão; em 1873, a lei foi expandida e estendida para outras Ordens religiosas: os redentoristas, os lazaristas etc.

Em 1873, Bismarck apoiou o Ministro da Cultura da Alemanha numa série de medidas anticatólicas: Adalbert Falk (ministro da cultura) estabeleceu uma série de leis restritivas de forma que haveria uma supervisão do Estado sobre membros do clero (padres e bispos seriam obrigados a aceitar as determinações do governo); tentou-se limitar a autoridade do Papa na Alemanha, de forma que o processo de escolha de eclesiásticos estivesse na dependência do Estado alemão; mosteiros foram fechados; além disso, estabeleceu-se o registro civil obrigatório para casamento (casamento civil), independente do Sacramento do Matrimônio da Igreja.

Em 1876 se estabeleceu a “lei de supervisão do Estado”: o governo fiscalizaria e supervisionaria os bens das dioceses em toda a Prússia.

A **Kulturkampf** promovida no Segundo Reich gerou uma série de consequências, ao alterar o sistema educacional e expandir a secularização da vida cultural, educacional e política na Alemanha. Isso também possibilitou que grupos liberais, socialistas e revolucionários de forma geral, ocupassem a lacuna ou o vácuo deixado pela Igreja ao ser limitada e subordinada aos interesses do Estado.

II

AS IDEOLOGIAS POLÍTICAS E ESOTÉRICAS DO SÉCULO XIX (ORIGENS DO NAZISMO)

As ideologias e políticos do século XIX – O século XIX foi uma época complexa e conturbada! Trata-se de um momento histórico influenciado basicamente pela **Revolução Industrial**, pelas ideias e valores do **Iluminismo**, pelas consequências da **Revolução Francesa** e pelo movimento do **Romantismo** (de origem alemã). Como vimos noutras aulas, o século XIX foi o momento em que uma nova sociedade nasceu (uma sociedade capitalista, formada a partir de várias injustiças sociais e econômicas) e em que os homens haviam formado uma visão progressista da História.

Desde o final do século XVIII para o século XIX, uma série de filosofias utópicas, progressistas e revolucionárias haviam surgido:

A primeira ideologia que se formou ao longo da Idade Moderna e tornou-se dominante no século XIX foi o **Liberalismo** (saído dos círculos protestantes e expresso pelo lema da “Liberdade” da Revolução Francesa). O Liberalismo defendia a liberdade como um valor e um fim em si; a visão liberal é basicamente a de uma confiança total na autossuficiência da ordem humana e um desprezo pela realidade transcendente.

Além do Liberalismo, outra força poderosa no século XIX foi a ideologia **Nacionalista**; não se trata da virtude do patriotismo (o devido amor à *terra patrum*), mas de um Nacionalismo exacerbado, excessivo, que muitas vezes colocava a Nação como um *organismo* ou uma *comunidade espiritual*, acima do indivíduo e acima da Igreja.

As **ideias socialistas** surgiram já no início do século XIX, inspiradas no lema da “Igualdade” da Revolução Francesa. As primeiras formas de socialismo foram chamadas de “**socialismo romântico**” ou “**socialismo utópico**”, como o de Saint-Simon. Os socialistas também eram progressistas, mas defendiam o desenvolvimento social e o progresso levando-se em consideração o estabelecimento da igualdade social.

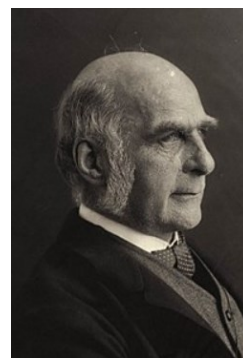


Foi no pontificado do beato Papa Pio IX que a perseguição cultural aos católicos teve início no Reich de Bismarck.

Posteriormente, com Karl Marx e Friedrich Engels surgiria o “**socialismo científico**” ou propriamente o **Comunismo**, ou **Marxismo**: o socialismo revolucionário e defensor da revolução violenta e da brutalidade como “parteira da história”, ou seja, como meio de se criar uma “Nova Sociedade” (Comunista). O pensamento de Marx, além de ser um delírio, foi um completo desastre para a humanidade, uma vez que causou a morte de milhões de pessoas ao longo do século XX.

No século XIX, também surgiu a ideologia e filosofia imanentista de Augusto Comte: o **Positivismo**. *A doutrina positivista também possuía uma visão progressista e imanentista: o fim da sociedade seria imanente; não existindo realidade sobrenatural, teológica e transcendente, o auge da sociedade (para os positivistas) seria o desenvolvimento técnico e industrial. Conforme Comte, a sociedade deveria ser organizada e gerida por cientistas e técnicos (ideia que originou posteriormente a Tecnocracia), que deveriam ser os “novos sacerdotes” da sociedade industrial moderna. Nos últimos anos de sua vida, Augusto Comte também afirmou que o Positivismo seria a verdadeira religião da humanidade e o objeto de culto e idolatria dos Positivistas seria a própria Humanidade.*

Também foi importante a figura de **Moses Hess**, um dos pais do movimento sionista: Moses Hess defendia, ao contrário de Marx, que o “motor da História” seria a **luta de raças** ou de **nacionalidades**. A ideia de Hess, posteriormente, foi fortalecida com o surgimento da visão **Darwinista** (e **Darwinista Social**), que afirmava a sobrevivência dos mais aptos (e das sociedades mais aptas e superiores).



Francis Galton, o pai da Eugenia

No final do século XIX aparece a figura de **Francis Galton**, o criador da **Eugenia** (e defensor do Darwinismo Social); basicamente, Galton teve a ideia de que seria possível alterar e modificar geneticamente as qualidades e características populacionais: “**as forças cegas da seleção natural [teoria de Darwin], como agente impulsionador do progresso, deveriam ser substituídas por uma seleção consciente...**”.

No século XIX, por outro lado, também se difundiu uma nova visão da realidade. Não se tratava tanto de uma filosofia, mas de um certo *modo de ser, uma certa visão de mundo*: trata-se do **Romantismo**. O **Romantismo** tem suas origens num movimento intelectual alemão (de poetas, prosadores, filósofos e escritores, pintores e escultores) chamado “Ímpeto e Tempestade”. Um tipo de romance que seria típico do movimento romântico é a obra de Goethe: “*Os Sofrimentos do Jovem Werther*”. Além de Goethe, outras fontes do romantismo são Herder, Schiller, Kant, etc. O Romantismo, como dissemos, é um tipo de mentalidade com diversas facetas, mas com algumas características gerais: **a)** sentimentalismo exacerbado; **b)** antirracionalismo; **c)** nostalgia pelo passado (geralmente medieval); e, por fim, **d)** a valorização e idealização da subjetividade.

Os movimentos ocultistas e esotéricos na Europa – Além das ideologias políticas revolucionárias, ao longo do século XIX, paradoxalmente, ocorreu um surto de movimentos esotéricos e



Simbolo da Sociedade Thule, uma precursora e influenciadora do Nazismo. A suástica nazista era vista como um talismã pelos integrantes da Thule.

ocultistas de origem gnóstica. Várias sociedades secretas e esotéricas surgiram na Europa; tais sociedades defendiam a ideia de que havia uma partícula divina encerrada no interior do homem, aprisionada no seu corpo, e a divindade somente se libertaria por meio de um *conhecimento oculto* ou *secreto* (uma **gnose**). Algumas destas sociedades criaram inclusive explicações mirabolantes sobre a suposta origem divina do homem, a partir de mitos antigos que narravam a existência de uma raça superior no extremo norte do mundo (a região da **Hiperbórea**).

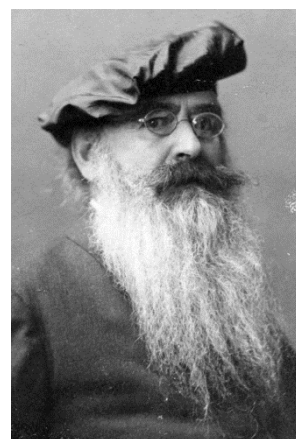
Surgiu no meio gnóstico e esotérico da cultura germânica, a **Sociedade Thule**, fundada por **Guido Von List**. Basicamente, as ideias de Von List é que num tempo muito antigo houve um povo superior na Hiperbórea (os arianos), que dominava uma força superior (Vril). Os arianos (ligados ao deus Odin), em algum momento, migraram para o sul e misturaram-se com raças inferiores. De qualquer forma, haveria uma herança ancestral ariana (superior), que

deveria ser resgatada pelos povos germânicos.

A visão dos integrantes da Sociedade Thule era a de que a antiga raça ariana (de origem na Hiperborea) possuía uma organização tribal e coletivista, de tipo socialista. No século XX, a maioria dos integrantes do Partido Nazista também eram membros da Thule.

Conclusão – O Nazismo alemão possui raízes nas ideias socialistas, cientificistas, eugênicas e esotéricas do século XIX. O ambiente cultural e as ideias que circulavam na Europa plasmavam-se. O movimento nazista catalisou e sintetizou este ambiente cultural, expressando-se politicamente e sendo personificado na figura de Adolf Hitler.

Com a derrota alemã depois da Primeira Guerra Mundial e as imposições do Tratado de Versalhes, havia o ambiente propício para expansão de movimentos radicais, fanáticos e de caráter socialista. Foi na República de Weimar que surgiu o **Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães** (Partido Nazista).



Guido Von List, um dos principais fundadores da Sociedade Thule

EXERCÍCIO

1. Escreva um resumo desta aula.



AULA 15

TENSÃO POLÍTICA ANTES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

I

A SITUAÇÃO



Segunda Guerra Mundial talvez seja um dos assuntos mais impressionantes, complexos e controversos a respeito do século XX. *O tema parece quase inesgotável devido à grande quantidade de fontes documentais oficiais, gravações, cinema, imagens, fotografias, diários, etc.* A Primeira Guerra Mundial teve o objetivo de destruir tanto o Império Austro-Húngaro (império católico) quanto o Império Otomano (para criação de um Estado judaico sionista no Oriente Médio). O cenário geopolítico da Europa havia se alterado profundamente e a nova configuração política possibilitou o surgimento do **Totalitarismo**.

A principal causa da Segunda Guerra Mundial evidentemente foi a Primeira Guerra Mundial; foi esta guerra quem deu à luz aos **totalitarismos**, como o *fascismo*, o *nazismo* e o *socialismo stalinista*. A Primeira



O Tratado de Versalhes é uma das causas da Primeira Guerra Mundial.



O Tratado de Versalhes impôs uma série de condições humilhantes aos alemães.

Guerra Mundial também causou a Revolução Russa, que infelizmente levou os bolcheviques de Lênin ao poder. O Tratado de Versalhes impôs condições humilhantes aos alemães, de modo que o antigo Império Alemão foi dividido e se criou o “corredor polonês”, separando a Prússia Oriental do restante da Alemanha.

O mapa da Alemanha foi desenhado para criar uma situação embaraçosa para os alemães;

a Polônia recebeu uma saída para o **Mar Báltico**, e a **cidade de Dantzig** tornou-se um local independente. Economicamente, a Alemanha estava na bancarrota e com uma série de limitações militares e políticas. Além disso, como punição de guerra, o Exército alemão foi extremamente reduzido (se bem que foi capaz de manter uma alta competência). A Alemanha também tinha limitações operacionais e, por isso, fez uma parceria com a União Soviética: os alemães treinariam na União Soviética (sem o conhecimento das potências ocidentais) e os soviéticos receberiam tecnologia alemã.

A Europa estava numa situação complexa: com a fragmentação do Império Austro-Húngaro da família católica Habsburgo, a região Iugoslava se tornou uma área extremamente complexa e cheia de tensões políticas.

O mundo antes da Segunda Guerra Mundial – Entre 1918 e 1939, várias crises e conflitos modificaram profundamente o cenário mundial: **a) a Itália** havia aderido ao socialismo nacionalista e à estética futurista de Benito Mussolini, o líder do Partido Fascista (ascensão dos fascistas na Itália em 1922); **b) nos Estados Unidos**, após anos eufóricos no início dos anos 20, ocorreu a terrível Crise de 1929, com a Quebra da Bolsa de Nova Iorque e um avanço da política estatizante do New Deal; **c) a China** estava em guerra civil, desde a queda do imperador e a criação da República, quando dois partidos passaram a disputar o controle do país: o Partido Nacionalista (Kuomintang) e o Partido Comunista (apoiado por Moscou, pelo governo de Stalin); **d) no Brasil**: a Crise de 1929 teve seus efeitos gerando uma crise econômica que se alastrou pelo país afetando o setor agrário e a elite cafeeira (o efeito imediato foi o golpe de Estado dado por Getúlio Vargas em 1930); **e) Na Alemanha** entre guerras, como vimos anteriormente, uma série de movimentos esotéricos, gnósticos e panteístas estavam se espalhando – o próprio Nazismo era fortemente influenciado pelo esoterismo e ocultismo. A doutrina nacional-socialista espalhou-se na Alemanha, que tinha uma aparência cientificista e racionalista, mas tinha uma via esotérica. De acordo com o professor Marcelo Andrade, a ideia do “**Terceiro Reich**” também deitava raízes na figura de Joaquim de Fiori, que formulou a ideia das “três idades” da História (a terceira seria uma época de prosperidade e felicidade, o grande Milênio).

A Crise do Modelo Democrático e Liberal – Qual a impressão que se tinha nesta época? Com a crise de 1929 e a falência do modelo liberal de Estado e de organização econômica, criou-se uma impressão de que os modelos totalitários (o fascista e o stalinista) seriam as mais indicadas formas de organização política e econômica. O fascismo se apresentava como uma “terceira via” política, para além do liberalismo e do socialismo. Outra coisa impressionante, é que durante a crise econômica muitas pessoas fugiram dos Estados Unidos e migraram para a União Soviética, o que causava a impressão de que o modelo socialista, estatizante, etc.,



Hitler tomou o poder em 1933 e iniciou seu projeto milenarista para tentar erguer o Terceiro Reich (“o Reich de mil anos”).



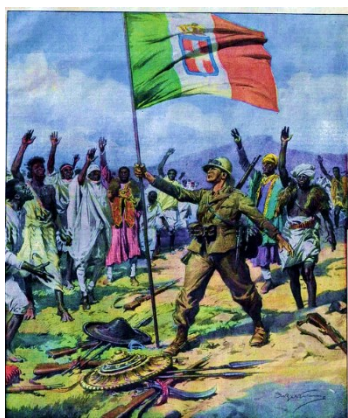
Getúlio Vargas subiu ao poder no Brasil, por meio de um golpe de Estado na “Revolução de 1930”.

havia triunfado. Isto ocorreu, pois, a propaganda socialista (stalinista e fascista) era profundamente eficaz e forte.

No Brasil, Getúlio Vargas tomou o poder e ao longo dos anos 1930 implementou uma série de políticas centralizadoras. Em 1937, estabeleceu uma ditadura, com apoio dos militares, chamada de “Estado Novo”. Vargas era influenciado por ideias de Nietzsche e da filosofia positivista de Augusto Comte. Era simpático ao fascismo de Benito Mussolini e até mesmo ao governo nazista.

II

EVENTOS PRÉ-GUERRA: O MUNDO CAMINHANDO PARA A GUERRA



Propaganda e representação da Itália fascista e sua vitória na conquista da Etiópia.

A Itália Fascista conquista a Etiópia – A Itália Fascista de Mussolini era impelida pelo nacionalismo e pela ideologia de restaurar a glória do Império Romano. O imperialismo italiano os impeliu a realizar uma guerra contra os habitantes da Etiópia, de forma que uma importante área geopolítica da África pertencesse aos italianos tanto por prestígio político como por fornecimento de matérias primas.

Até a guerra e conquista da **Etiópia**, nos primeiros anos da década de 1930, Mussolini era bem-visto entre os norte-americanos e na imprensa ocidental como um todo. Contudo, sua guerra imperialista e expansionista gerou o desgaste de sua imagem fora da Itália. Além disso, a Liga das Nações não aprovou os atos de Mussolini; contudo, na época, a organização tinha a mesma influência que sua sucessora e herdeira (a ONU) teria. A campanha militar italiana e a conquista da Etiópia foram muito bem-vistas por Adolf Hitler, que admirou o sucesso de Mussolini. Em 1937, Mussolini retirou a Itália da Liga das Nações.

A Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939) – Geralmente, nas escolas e da parte de alguns historiadores, se afirma que a Guerra Civil Espanhola foi um “*ensaio para a Segunda Guerra Mundial*”. Trata-se de um conflito armado que arrastou facções políticas socialistas e nacionalistas no interior da Espanha. Foi nesta guerra que pela primeira vez as potências totalitárias (Itália Fascista, Alemanha Nazista e União Soviética de Stalin) mostraram suas inclinações destrutivas, seu poderio bélico e apoiaram as facções políticas que disputavam o poder na Segunda República espanhola.



O que desencadeou esta guerra foi o golpe de Francisco Franco, líder dos nacionalistas espanhóis contra os republicanos. A Alemanha Nazista e a Itália Fascista apoiaram os homens de Franco fornecendo-lhe armas, suprimentos e munições. A União Soviética apoiou grupos socialistas, anarquistas e comunistas republicanos (“**Frente Popular**”) contra os nacionalistas espanhóis, geralmente ligados aos monarquistas.

A Guerra Civil Espanhola e a ascensão de Franco ao poder na Espanha significaram para muitos uma espécie de *prelúdio* do conflito indireto entre as potências europeias.



Consequências da Guerra Civil Espanhola – As principais consequências da Guerra Civil Espanhola foram:

Vitória de Francisco Franco e estabelecimento do Franquismo.

Inúmeras cidades foram destruídas: *Guernica* foi destruída a bombardeios e Barcelona também foi bombardeada; inúmeras pessoas foram mortas.

Isolamento internacional: países membros democráticos sancionaram ambos dos lados envolvidos na Guerra.

A Guerra possuiu um impacto cultural: o conflito na Espanha foi muito impactante pois as potências totalitárias mostraram muito de sua tecnologia e poder de fogo; pintores modernistas como Pablo Picasso e Salvador Dali foram influenciados pelo impacto da Guerra. Federico Garcia Lorca também foi impactando e refletiu sobre esta experiência crítica que marcou a história espanhola.



Em 26 de abril de 1937, foi iniciado um ataque aéreo de aviões alemães na cidade basca de Guernica. O ataque serviu como um experimento no uso de aviões de guerra e armamentos altamente desenvolvidos. O ataque foi orquestrado pela Legião Condor (Alemanha) e Aviazione Legionaria (Itália).

O Imperialismo Japonês (o Japão invade a China) – Desde o final do século XIX e início do XX, os japoneses tinham intenção em estender seu domínio na região da Manchúria. *Em 1937, o Japão invadiu Pequim*, antiga capital da China na época imperial. A União Soviética de Stalin rapidamente se dispôs a auxiliar os chineses, por meio de um pacto. Em 1938, a *Alemanha Nazista (que nutria boas relações com o Kuomintang de Generalíssimo Chiang Kai-shek)* retirou seu apoio aos nacionalistas e reforçou sua aliança com o *Império Japonês*. Hitler tinha interesse em enfraquecer a posição da União Soviética no Oriente e por isso aproximou-se do Japão.



O Samurai como símbolo do imperialismo japonês.

O Japão avançava rapidamente em território chinês; os nacionalistas tentaram uma resistência, mas a cidade de Xangai caiu. Devido à invasão japonesa, os nacionalistas aceitaram uma aliança temporária com os comunistas, apoiados pela União Soviética.

Invasão Japonesa na União Soviética e Mongólia – Em 1938, os japoneses atacaram a União Soviética, ao invadir a região da Mongólia. Os japoneses avançavam de forma impressionante, mas o Exército Vermelho (Soviético) conseguiu vencer uma batalha contra os japoneses, impedindo o seu avanço. Esta situação levou o governo japonês a concentrar seus esforços expansionistas na China e no Oceano Pacífico.



Desde 1937, o Japão desencadeou uma série de movimentos e ataques no Extremo Oriente. O Império Japonês (aliado da Alemanha Nazista e da Itália) atingiu seu auge em 1942, como podemos observar no mapa acima.

Na Europa: o avanço da Alemanha Nazista – A Alemanha de Hitler avançava e desobedecia às cláusulas do Tratado de Versalhes. As potências ocidentais (Inglaterra e França) hesitavam e mantinham uma política fraca e vacilante de apaziguamento. Os Estados Unidos da América mantinham uma política de neutralidade. **Em março de 1938, Hitler anexou a Áustria ao Império nazista. O argumento de Hitler era o de empreender uma unidade de povos germânicos.**



Em outubro de 1938, Hitler iniciou a invasão da Tchecoslováquia: a região dos Sudetos seria formada predominantemente por germânicos, que exigiam a autonomia em relação à Tchecoslováquia. A França estava preocupada com o expansionismo nazista, assim como com o desenvolvimento da indústria bélica alemã, que estava ultrapassando a industrial área britânica, como observou Winston Churchill. Os franceses e os tchecos mobilizaram tropas temendo o avanço nazista na região dos Sudetos e a questão foi resolvida por meio de uma negociação: em setembro de 1938, ocorreu a **Conferência de Munique**, pela qual se reconheceu a legitimidade de a Alemanha nazista ocupar os Sudetos. A Tchecoslováquia ficou isolada e teve de ceder seus territórios aos alemães. Esta atitude fazia parte da **política de apaziguamento** da Inglaterra e da França.

III

AS ALIANÇAS POLÍTICAS

Alianças – Em 1936, houve uma aproximação decisiva entre a Itália de Mussolini e a Alemanha de Hitler. *Em 25 de outubro de 1936, a Itália e a Alemanha estabeleceram um tratado de amizade. Esta foi sem dúvidas uma das alianças mais duradouras da Segunda Guerra; aparentemente, Hitler efetivamente gostava de Mussolini. Os dois tiranos totalitários mantiveram por anos a parceria fascistas-nazistas.*

Duas frentes de alianças foram formadas: a) os países do Eixo (Itália, Alemanha Nazista e Japão); b) os Aliados (Inglaterra, França e depois Estados Unidos e União Soviética). O termo “Eixo” possivelmente é uma alusão à fala de Mussolini, a respeito do “eixo” político estabelecido entre Roma e Berlim.

No final do ano de 1936, a Alemanha e o Japão assinaram o Pacto Anti-Komintern (contrário à Internacional Comunista); além disso, japoneses e alemães garantiam uma política de colaboração e ajuda mútua. Em 1937, a Itália aderiu ao Pacto.

O Pacto de Aço – O “Pacto de Amizade e Aliança entre Alemanha e Itália” foi assinado em 22 de maio de 1939, entre a Alemanha e a Itália; a aliança política entre os dois países era fortalecida e ampliada por meio de uma aliança ou pacto militar. Ambos os países se dispunham a firmar uma cooperação militar. O Pacto foi assinado pelo Ministro Italiano de Negócios Estrangeiros, Galeazzo Ciano, por Hitler e seu Ministro de Negócios Estrangeiros Joachim von Ribbentrop.



Hitler e Mussolini consolidaram uma série de alianças firmando uma amizade macabra e política de cooperação durante o final dos anos 30 e durante a Segunda Guerra.



Assinatura do “Pacto de Aço”: a aliança macabra e terrível entre a Itália Fascista e a Alemanha Nazista. Na imagem acima vemos uma foto de Hitler e o ministro de Mussolini Galeazzo Ciano. Consolidava-se o eixo Roma-Berlin.

O pacto Ribbentrop-Molotov – Apesar da intenção de Hitler em voltar-se contra a União Soviética e conquistar terras setentrionais e a nordeste, em 23 de agosto de 1939 foi assinado um **Pacto Germano-Soviético** (conhecido como **Pacto Ribbentrop-Molotov**, ou **Pacto Nazi-Soviético**). O tratado foi negociado pelo Ministro das Relações Exteriores da Alemanha Nazista (Joachim von Ribbentrop) e pelo Ministro do Exterior de Stalin (Vyacheslav Molotov).

O tratado tinha os seguintes aspectos:

Era um pacto de não agressão – a Alemanha e a União Soviética prometiam não atacar uma a outra.

O pacto definia que, caso um dos países do pacto fosse atacado por um terceiro, o outro signatário não forneceria armas, provisões ou qualquer tipo de assistência ao país atacante.

O acordo teria duração de dez anos.

Uma parte do Pacto (oculta do grande público) definia que: o Leste europeu ficaria dividido em áreas de influência soviética e alemã [A União Soviética ficaria com Estônia, Lituânia e Bessarábia; a Alemanha ficaria com metade da Polônia, a outra metade seria de influência soviética].



Pacto Ribbentrop-Molotov – Na imagem acima vemos a figura de Josef Stalin, líder da União Soviética; à esquerda o Ministro nazista Joachim von Ribbentrop e à direita o Ministro soviético Molotov

A Alemanha Invade a Polônia – Assim que o Pacto Germano-Soviético entrou em vigor, a Alemanha realizou seu movimento de invasão e ataque a Polônia. Em 1 de setembro de 1939, a Alemanha invadiu a Polônia, sem receio da reação soviética. Em 3 de setembro, Inglaterra e França, que tinham se comprometido em preservar e proteger a integridade das fronteiras polonesas, declararam guerra contra a Alemanha. Tinha início a Segunda Guerra Mundial.

ATIVIDADES

1. Qual a causa mais fundamental que gerou a Segunda Guerra?
2. Resuma como estava o mundo antes da Segunda Guerra Mundial.
3. Qual a impressão, na década de 30, a respeito do modelo capitalista e da democracia liberal?
4. Sobre os eventos pré-Segunda Guerra:
 - Explique o que foi a conquista da Etiópia.
 - O Japão estava formando um Império no Oriente? Explique o que estava ocorrendo no Oriente.
 - Por que a Alemanha se aliou ao Japão?
 - O que foi a Guerra Civil Espanhola? E quais as suas consequências?
 - O que foi a política de apaziguamento da Inglaterra e da França?
5. O que foi o Pacto de Aço?
6. O que foi o Pacto Ribbentrop-Molotov? O que ele estipulava? Explique.



AULA 17

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: AVANÇOS E RECUOS



cenário e as condições que possibilitaram a Guerra – A Segunda

Guerra Mundial é

extremamente complexa e envolve uma série de agentes e personagens que até hoje são estudados. Nas aulas anteriores, vimos todo o contexto, pós-Primeira Guerra Mundial, que possibilitou o surgimento e ascensão dos movimentos totalitários: **a)** com o

Tratado de Versalhes, a **Alemanha** saiu completamente humilhada e derrotada da Primeira Guerra. Esta situação abriu espaço para o fortalecimento de movimentos socialistas e nacionalistas e neste contexto surgiu a figura de Hitler; **b)** a **Rússia**, em 1917, foi arrastada à revolução e o Czar Nicolau teve de abdicar. Em outubro, os comunistas de Lênin tomaram o poder e, pouco depois, fundaram a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas; **c)** o **Império Austro-Húngaro** foi desmantelado de acordo com os interesses do Império Britânico e da França; **d)** o **Império Turco-Otomano** foi desmantelado e dissolvido, também de acordo com os interesses do Império Britânico e da França, que tinham interesses geopolíticos no Oriente Médio; **e)** a **Itália** estava extremamente insatisfeita com sua posição inferior em relação às outras potências europeias: com a crise geral do Marxismo, causada pela Primeira Guerra, surgiu uma nova forma de socialismo nacionalista, o fascismo de Benito Mussolini.



Contudo, de fato, em grande medida, podemos afirmar que a causa principal da Segunda Guerra foi a situação que o Tratado de Versalhes criou para os alemães, insuflando o ressentimento e o desejo de vingança da Alemanha, que possuía toda uma tradição nacionalista e uma filosofia fundada no idealismo alemão (Herder, Kant, Hegel, etc.) e no romantismo. Hitler foi um produto e personificação do “espírito alemão” e das várias correntes científicas e gnósticas do século XIX e início do XX.

DO AVANÇO AO RECUO DO EIXO

A queda da França – A Alemanha Nazista de Hitler avançou de forma impressionante sobre os países da Europa. Hitler entrou em guerra com a França e rapidamente esta foi vencida e ocupada pelos nazistas, que estabeleceram um governo fantoche.

Em 1940, Bélgica, Holanda, Luxemburgo e a França foram invadidas pelos nazistas; na Frente Ocidental, as forças britânicas tiveram de recuar e evacuar suas tropas, na conhecida **Batalha de Dunquerque**. A Itália de Mussolini, apoiando a Alemanha nazista, declarou guerra à França. Paris foi ocupada e Hitler e os nazistas andaram pelas ruas da cidade. Em 22 de junho, o Exército Francês estava rendido e a campanha militar dos alemães havia sido um sucesso absoluto.



Hitler em Paris



Soldados alemães marchando em Paris

Com a rendição humilhante da França, o país foi dividido em áreas administrativas: **a) a França da República de Vichy** (no centro-sul do país, o governo desta área foi dado ao general Pétain, que passou a colaborar com os alemães); **b) a Área de Ocupação Alemã** (o norte da França ficou ocupado e administrado diretamente pelos alemães; o norte da França e a costa atlântica foram utilizados como base de operações militares e como base para a **Operação Leão-Marinho** dos alemães. A Operação Leão-Marinho era,

basicamente, um plano de invasão do Reino Unido da Grã-Bretanha para colocar no trono da Inglaterra um monarca fantoche da Alemanha Nazista); **c) as regiões da Alsácia e Lorena** foram tomadas pelos nazistas e passaram a fazer parte do Terceiro Reich.

Houve, com apoio da Inglaterra, o estabelecimento de uma “**França Livre**”: uma organização política que afirmava ser o legítimo governo da França, após a derrota desta pelos nazistas. O movimento e organização política estava sediado em Londres e era comandado pelo general Charles de Gaulle. Por sinal, a Inglaterra sofreu uma série de ataques da Alemanha.

Iugoslávia, os Balcãs e a tomada de Belgrado – Uma vez que a França havia caído, Hitler voltou-se para o Leste europeu e para a região dos Balcãs: os nazistas empenharam-se em conquistar **Belgrado**. Em 1940, a Itália havia entrado em guerra contra a Grécia (**Guerra Greco-Italiana**); contudo, os fascistas de Mussolini foram derrotados pelos gregos, que procuraram o auxílio do Império Britânico. A presença de tropas britânicas na Grécia,

incomodou a Alemanha nazista, que planejava tomar a região dos Balcãs e, posteriormente, iniciar uma operação contra a União Soviética.

Entre os países dos Balcãs e a Alemanha havia a Iugoslávia, que, por uma série de questões internas, não aderiu a uma aliança com os nazistas. Hitler mandou desencadear uma operação militar (“Operação Vingança”). Os nazistas iniciaram uma série de operações aéreas e ataques simultâneos à Grécia e à Iugoslávia;

o ataque foi registrado de forma horrível por um oficial nazista: “Os *panzers* deram a partida. A artilharia ligeira abriu fogo, a artilharia pesada entrou em ação. Surgiram aeronaves de reconhecimento e 40 Stukas bombardearam as posições, os quartéis se incendiaram [...] uma visão magnífica logo ao nascer do dia”.



A cidade de **Belgrado** (antiga capital da Iugoslávia) foi conquistada pela pressão e blefe do oficial nazista **Fritz Klingenberg**. Com a conquista da Iugoslávia, os nazistas ocuparam a região dos Balcãs. Em julho de 1941, a Grécia já estava conquistada pelos alemães e os soldados britânicos foram capturados.

O erro dos alemães – Depois de neutralizar a França, de atacar os navios da Marinha Britânica com os submarinos e tomar Belgrado, os nazistas voltaram-se contra a Grécia. Depois de tudo isto, Hitler resolveu executar a maior operação militar já vista até então: a **Operação Barbarosa**, voltada para invadir a União Soviética.

Hitler estava disposto a romper com o Pacto Ribentrop-Molotov; era desejo dos nazistas conquistar as terras da União Soviética: tanto pelos inúmeros recursos da região, como porque Hitler detestava os comunistas, também por seu antissemitismo. Stalin foi pego de surpresa pelo plano de invasão dos nazistas, que abriram uma nova frente de batalha (Frente Oriental). Na União Soviética havia no centro industrial da cidade atual de Petrogrado, reservas de petróleo e, claro, gás natural.



Na Ucrânia (parte da União Soviética) havia importantes reservas de petróleo, e os alemães necessitavam de petróleo (combustível) para o abastecimento de seus veículos e veículos de guerra. Ao chegar nas terras ucranianas e na Bielorrússia, os nazistas foram,

inicialmente, apoiados pela população local, que odiava o governo de Stalin. Contudo, os nazistas impuseram um domínio cruel ao povo ucraniano e bielorrusso, perseguindo judeus e escravizando pessoas.

Os maiores erros de Hitler, talvez, tenham sido a tentativa de conquistar Stalingrado (**Batalha de Stalingrado**), e tomar Moscou entre o outono e o inverno; as condições climáticas da Rússia dificultaram o avanço alemão – que não havia preparado equipamentos e roupas para o frio intenso da Rússia e não se deram conta dos problemas gerados pela chamada *rasputitsa* (*as estradas ficam em estado de lamaçal*). Hitler havia dividido suas forças e atrasou as operações militares; o Exército alemão ficou paralisado, o que deu tempo para que Stalin (com informações fornecidas por um espião) trouxesse tropas e armamentos soviéticos do oriente (leste soviético).

Mais de 300 mil soldados e 1700 blindados foram transferidos da Sibéria para Moscou, por meio dos trens da Transiberiana. Foi assim que Stalin manteve Moscou e a Operação Barbarosa fracassou.

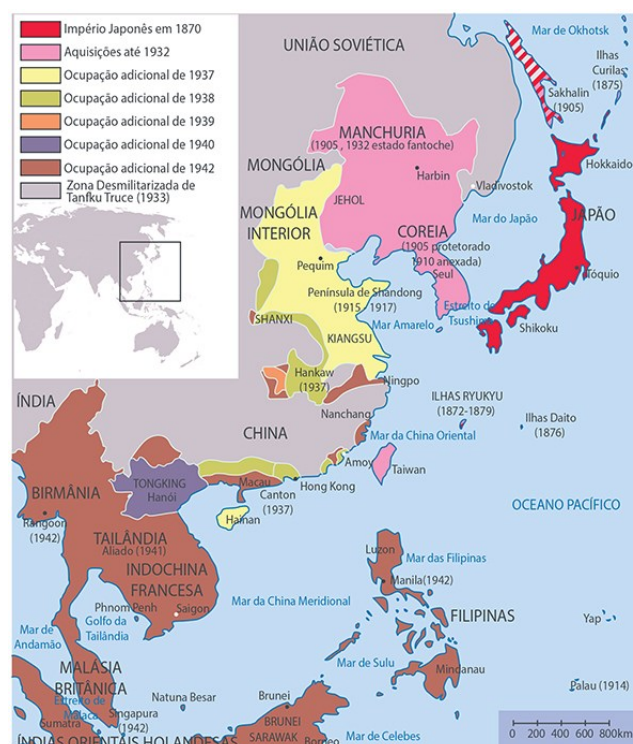
Stalin conseguiu reorganizar suas tropas e o avanço nazista fracassou. De fato, foi um erro estratégico abrir a **Frente Oriental** quando ainda em conflito com os britânicos.

II

O IMPÉRIO JAPONÊS E A ENTRADA DOS ESTADOS UNIDOS NA GUERRA

No Oriente, o Japão avançava com seu imperialismo contra os chineses e russos. O Japão havia assinado com a Itália e a Alemanha o **Pacto Tripartite**, pelo qual foi formado o Eixo.

O Japão, desde 1904, procurava aumentar seu domínio na Coreia e na Manchúria (China). No início do século XX, os japoneses haviam vencido a Rússia czarista. Em 1931, o Japão invadiu novamente a Manchúria e desencadeou a Segunda Guerra Sino-Japonesa, o que fez com que na China o Partido Nacionalista (Chiang Kai-shek) e o Partido Comunista (Mao Tsé-Tung) estabelecessem uma aliança. Os japoneses cometeram uma série de crimes e mostravam uma atitude violeta e criminoso no Oriente.



Expansionismo japonês

A Inglaterra e os Estados Unidos temiam a rápida expansão japonesa na Ásia. Com o objetivo de deter sua expansão, os norte-americanos passaram a se opor. Em 1941, os japoneses invadiram a colônia francesa da **Indochina**. Com esta invasão, os Estados Unidos suspenderam a venda de petróleo para o Japão (o que seria prejudicial ao país, que necessitava de gasolina). Os norte-americanos, os britânicos e a resistência francesa desejavam que o Japão recuasse da Manchúria e da Indochina.



Os britânicos, humilhados, entregam Cingapura aos japoneses.

As reservas de minério, carvão e petróleo do Japão estavam se esgotando e só restavam duas possibilidades: ou os japoneses acatavam as determinações dos Estados Unidos e britânicos ou tentavam tomar as reservas de petróleo e recursos minerais. Os japoneses formaram uma força militar com mais de 300 mil soldados.

Entre 7 e 8 de dezembro de 1941, os japoneses invadiram a Tailândia, Hong Kong, as Filipinas, etc. Além disso, em 1942, invadiram Cingapura: 80 mil soldados do Reino Unido foram derrotados pelos japoneses. As Filipinas também foram tomadas por 135 mil soldados japoneses. Em maio 1942, o Japão tinha tomado quase todo o Sudeste asiático e mantinha domínio sobre as principais ilhas do Pacífico.

Foi esta ofensiva japonesa que levou os Estados Unidos da América a declarar guerra ao Japão e, por consequência, à Alemanha (principal país do Eixo).

Os japoneses acreditavam que com batalhas decisivas intimidariam e venceriam os Estados Unidos, que na época era de fato a maior potência econômica. Foi, assim, que os Estados Unidos foram atacados pelo Japão em **Pearl Harbor** em 7 de dezembro de 1941.

Depois que os Estados Unidos declararam guerra ao Japão, a Alemanha declarou guerra aos Estados Unidos. O Brasil de Getúlio Vargas, que era aliado dos Estados Unidos, acabou declarando guerra contra a Alemanha nazista.

Com a entrada dos Estados Unidos na Guerra, os norte-americanos apoiaram financeiramente e militarmente a União Soviética: os comunistas receberam uniformes, comida, tanques, carros e caminhões, além de armamento de ponta. Henry Truman não foi favorável aos auxílios dados à União Soviética, que venceu a Alemanha em grande parte devido a este auxílio.

Entre 1942 e 1943, a guerra conhece um período de entardecer e a partir de 1944 fica evidente que o Eixo seria derrotado.



Poster norte-americano, mostrando o apoio dos Estados Unidos aos chineses contra o avanço japonês.

OS PLANOS DE DOMINAÇÃO DO EIXO

Quais eram as pretensões do Eixo? Hitler e Mussolini tinham a pretensão de estabelecer o domínio Berlin-Roma (eixo). Posteriormente, incorporou-se Tóquio no Eixo (Pacto Tripartite). O Eixo era a maior aliança militar do mundo até então já vista. O Império Britânico sofria com o avanço do Eixo na Europa e do Japão no Oriente.

Alemanha: seu objetivo era o leste europeu e as regiões petrolíferas do Cáucaso. Hitler tinha a ideia de que os arianos precisavam de um “espaço vital”. Era essencial para os nazistas ter recursos minerais e reservas de petróleo.

Itália: Mussolini desejava criar um Império Romano no mar Mediterrâneo (dominando o norte da África, o sul da França, a Grécia, etc.). Os italianos desejavam controlar o canal de Suez, que daria aos italianos o controle de todo o comércio internacional entre a Europa e o Oriente.

Japão: o Japão desejava controlar porções continentais da China e as ilhas do Pacífico. O Japão também desejava petróleo, um recurso essencial para qualquer país que quisesse se tornar uma potência mundial. Os britânicos recuavam perante o avanço japonês.

Esta situação levou os Estados Unidos a entrar na Segunda Guerra Mundial, apoiando os britânicos, a resistência francesa e mesmo a União Soviética (comunista).

ATIVIDADES

1. Faça um resumo da aula.



AULA 24

EXERCÍCIOS DE REVISÃO E FIXAÇÃO

Faça uma revisão dos conteúdos anteriores e responda os exercícios a seguir, para melhor fixá-los na memória e se aprofundar no entendimento das mudanças ocorridas no século XX:

1. Qual a causa da Segunda Guerra Mundial? Explique.
2. Quais as origens históricas do nazismo e do socialismo?
3. É correto afirmar que a Segunda Guerra Mundial causou a decadência dos impérios europeus e o declínio da visão progressistas e otimista do século XVIII?
4. O que foi definido na Conferência de Ialta?
5. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, surgiu um mundo bipolar. O que isto significou? O que foi esta bipolaridade? Explique.
6. Alguns dizem que a Guerra Fria começou com um discurso de Harry Truman. O que Truman disse perante o Congresso norte-americano a respeito do socialismo? Explique.
7. Quais as causas do movimento de descolonização da Ásia?
8. Existiu alguma ligação entre a Guerra Fria e o processo de descolonização (na Ásia e na África)? Qual era a posição da União Soviética a respeito da independência dos países africanos? Explique.



AULA 25

IDEIAS REVOLUCIONÁRIAS NO BRASIL: O POSITIVISMO E O REPUBLICANISMO

I

INTRODUÇÃO



Panorama da história do Brasil: a consolidação de uma nação – No século XIX, o curso da História do Brasil sofreu uma drástica alteração com a vinda da Família Real e da Corte Portuguesa para o Brasil, em 1808. Num ato político impressionante, Dom João VI enganou Napoleão Bonaparte (imperador da França) ao transferir o centro do Império português para o Brasil.

O Império Português realizou este movimento com o apoio da Inglaterra (Império Britânico), uma velha aliada e parceira comercial dos portugueses.

Assim que se estabeleceu em Salvador e, depois, no Rio de Janeiro, Dom João VI passou a adotar uma série de medidas que alteraram a situação política, cultural, social e financeira do Brasil: escolas militares foram criadas, o alvará de Dona Maria foi revogado e as indústrias foram permitidas, os portos brasileiros foram abertos “às nações amigas” e o Banco do Brasil foi fundado. Em 1818, o Brasil foi elevado ao status de Reino Unido (“*Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves*”). Entretanto, um grande desafio se ergueu ao projeto joanino: em Portugal, os comerciantes lusitanos e grupos ligados às sociedades secretas (como a maçonaria), passaram a exigir o retorno de D. João VI e da Família Real à Lisboa. Tais setores da sociedade portuguesa estavam infelizes com sua situação e com a inferioridade de Portugal (antigo centro do Império) em face do Brasil.



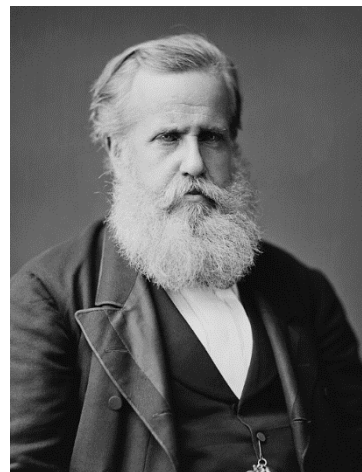
A Vinda da Família Real Portuguesa

Dom João VI voltou para Portugal, mas deixou seu filho Dom Pedro (casado com Dona Leopoldina) como príncipe-regente. A crise entre Portugal e Brasil se agravou gradativamente: em 7 de setembro de 1822, às margens do rio Ipiranga, Dom Pedro

proclamou a Independência do Brasil. No mesmo ano, em 1 de dezembro de 1822, Dom Pedro foi coroado. Tinha início o período do Primeiro Reinado.

O governo de Dom Pedro I (***Primeiro Reinado***) se estendeu até 1831, quando, por uma série de complicações e dificuldades, o imperador abdicou do trono e retornou para Portugal, deixando seu filho Pedro II como herdeiro. Pedro II, contudo, era uma criança e até que ficasse maior de idade e assumisse o trono, o Brasil teve de ser governado por *regentes*. De 1831 até 1840, tivemos no Brasil o período da Regência: uma época conturbada, em que revoltas liberais, republicanas ou levantes populares se desencadearam por todo o Brasil.

Em 1840, por meio da campanha da maioridade, Dom Pedro II assumiu o Brasil, iniciando o ***Segundo Reinado***. O Segundo Reinado foi um período de consolidação de uma elite cafeeira no Sudeste do Brasil. Também foi uma época em que havia uma alternância no poder político, pois, basicamente, havia dois partidos políticos: o Partido Conservador e o Partido Liberal. Dom Pedro II exercia o Poder Moderador, mas o poder Executivo era exercido pelo ministro do Conselho de Estado. Além disso, havia a Câmara dos Deputados e o Senado.



Dom Pedro II, reinou sobre o Brasil como monarca constitucional entre 1840 e 1889, quando sofreu o Golpe da República.



A Proclamação da República no Brasil – pintura de 1893 (Benedito Calixto)

Por uma série de fatores, a partir do final dos anos 1870 e durante a década de 1880, o Segundo Reinado entrou em crise, por conflitos e crises envolvendo a Igreja, a questão do abolicionismo, a difusão de ideias positivistas e republicanas entre militares e grupos de intelectuais, etc. Em 1889, o Marechal Deodoro da Fonseca proclamou a República no Brasil, num ato de rebeldia e golpe contra Dom Pedro e a Família Real.

Entre 1889 e 1930, tivemos a ***Primeira República brasileira (República Velha ou República Oligárquica)***.

Alguns historiadores e estudiosos, dividiram a história do Brasil republicano em algumas etapas. *Alguns afirmam, por exemplo, que o primeiro momento de nossa República, ou seja, o período correspondente aos governos do Marechal Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, formaria a República da Espada, de 1889 até 1894.* Logo em seguida, teríamos a ***República das Oligarquias (de 1894 até 1930)***. Com a ***Revolução de 1930***, teve início a ***Era de Getúlio Vargas***.

Por enquanto, vamos analisar os primeiros momentos da República e a cultura brasileira no final do século XIX e início do século XX.

II

O BRASIL REPUBLICANO

O **republicanismo** – Durante a fase imperial (do Primeiro Reinado, passando pela Regência e o Segundo Reinado), a unidade nacional brasileira e sua integridade geográfica foi preservada pelo Império. O Imperador foi símbolo da unidade nacional. Contudo, já na época do Primeiro Reinado, manifestavam-se nas províncias brasileiras *ideias revolucionárias*, vindas da Europa ou inspiradas no modelo político dos Estados Unidos da América. Muitas rebeliões (como a **Revolução Pernambucana de 1817**, a **Confederação do Equador**, a **Guerra dos Farrapos**, etc.) foram inspiradas no *liberalismo europeu* ou nas *ideias republicanas e federalistas dos Estados Unidos*.

Durante o Segundo Reinado, as ideias do **Positivismo de Augusto Comte**, adentraram poderosamente no Brasil, ganhando força entre intelectuais e militares. Uma **Sociedade Positivista do Brasil** foi fundada, além disso, foram edificadas “igrejas”

positivistas no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro. Grosso modo, o *Positivismo era uma ideologia política anti-metafísica, imanentista e progressista*: os positivistas acreditavam no progresso da sociedade e acreditavam que os cientistas e técnicos seriam os “novos sacerdotes” da Humanidade, no lugar dos padres da Igreja Católica. Uma outra peculiaridade dos positivistas era sua idolatria pela Humanidade e sua defesa do governo republicano.

Na década de 1870, os grupos republicanos passaram a se articular com mais empenho e o movimento político republicano ganhou força: em 18 abril de 1873, ocorreu a **Convenção de Itu**, a primeira convenção republicana organizada no Brasil, com vários membros ou representantes da elite paulista. Uma figura destacada na Convenção foi **Prudente de Moraes**. Outras figuras importantes e ilustres da Convenção foram: *Américo Brasiliense de Almeida*, *Américo de Campos*, *Francisco Rangel Pestana*, *Manuel Ferraz de Campos Sales*, *José Vasconcelos de Almeida Prado* (da família Prado), *Francisco Glicério de Cerqueira Leite*, *José Luiz Flaquer*, etc. Foi a partir dessa Convenção de republicanos paulistas que surgiu o Partido Republicano Paulista e se articulou o movimento republicano com outros líderes, nas províncias de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Em 1887 ocorreu a fundação do Clube Militar pelo general **Thomaz Cavalcante de Albuquerque**, presidido pelo **Marechal Deodoro da Fonseca**. O Clube Militar teve um papel importante, ao reunir militares de inclinação positivista e republicana.

A mentalidade *técnica, tecnicista e “positiva”* penetrou profundamente em quadros do Exército brasileiro. Portanto, com o Positivismo no Brasil, o movimento republicano ganhou



Quadro enaltecendo a Proclamação da República pelo Marechal Deodoro da Fonseca.

nova força e novos integrantes. Com a adesão de setores militares e das elites ao republicanismo, a Monarquia e a Família Real perderam suas bases de sustentação política e militar.

Em 15 de novembro de 1889, Dom Pedro II foi destronado pelos militares. O velho Imperador, que havia sido imagem da unidade e coesão nacional, teve de partir do Rio de Janeiro e do Brasil, com os membros da Família Real. Foi em 19 de novembro do mesmo ano que se adotou a Bandeira da República:



A partir de 1889, os republicanos positivistas adotaram o lema “Ordem e Progresso” na Bandeira do Brasil. Este é um lema positivista: defender a ordem social e política para o progresso social, econômico e histórico. O Positivismo (apesar de ser detestado pelos seguidores do Marxismo) é uma ideologia revolucionária, formulada por Augusto Comte. No Brasil, o Positivismo se espalhou e se tornou muito forte no final do século XIX e início do século XX.



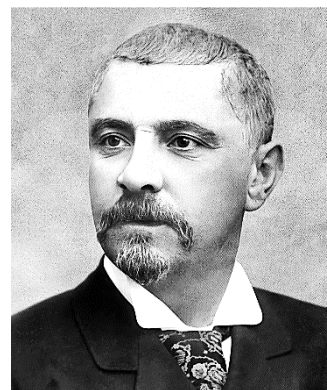
*Marechal Deodoro da Fonseca
– 1º presidente da República do Brasil*

É importante lembrar que neste contexto histórico, o centro político e econômico estava estabelecido nos estados da região Sudeste: a capital no Rio de Janeiro e a primazia econômica da produção agrícola no Estado de São Paulo (centro da *elite cafeeira*).

Governo do Marechal Deodoro – Com a **Proclamação da República**, foi instituído um **Governo Provisório** e o Marechal Deodoro da Fonseca como o presidente da **República do Brasil**. Logo no início da República, houve divergências entre os líderes das elites brasileiras: havia republicanos que defendiam um modelo republicano descentralizado (geralmente, os defensores deste tipo

de governo republicano são os *liberais*); por outro lado, havia os republicanos positivistas, como vimos. Estes republicanos (especialmente do Rio Grande do Sul, sob influência do gaúcho **Júlio de Castilhos**) defendiam uma república centralizadora, mais rígida e em que os estados (antigas províncias) teriam menos autonomia.

Diferente dos liberais, que privilegiam as liberdades individuais e menor atuação do governo e do Estado, os castilhistas republicanos defendiam um Estado forte, centralizador, colocando o bem-estar da coletividade acima dos interesses e das liberdades individuais. Ainda conforme esta concepção política: **a) o Estado possui um papel intervencionista (na economia); b) o Estado possui um papel moralizador (ou seja, com a valorização de uma moral cívica e o enaltecimento de virtudes cívicas e a “regeneração dos costumes”); e c) o governo deve conduzir o processo de modernização e progresso da sociedade.**



Júlio de Castilhos, fundador da ideologia castilhista

O **castilhismo** já havia dado seus primeiros sinais em 1882, com a fundação de um jornal republicano no Rio Grande do Sul: “**A Federação**”. Este jornal expressava as ideias políticas de certos grupos da elite rio grandense, que defendiam o governo republicano, a modernização econômica e industrial, assim como certa visão progressista da sociedade. A influência das ideias revolucionárias, em especial do Positivismo, era algo evidente. Foi este movimento intelectual que permitiu a fundação do **Partido Republicano Rio Grandense**. *Este movimento castilhista e o republicanismo do Partido Republicano Rio Grandense viria a influenciar a mentalidade e a trajetória política de Getúlio Vargas, uma vez que seu pai, Manuel do Nascimento Vargas, foi o líder dos republicanos em São Borja.*



20 mil réis, em 1894. Na nota acima, está representada a imagem ou alegoria da República.

As ideias moralizadoras de Castilho não foram aprovadas no âmbito nacional; sua influência, assim, se restringiu ao Rio Grande do Sul. Somente em 1930, com Getúlio Vargas no poder, o Brasil veria a manifestação e a aplicação profunda do espírito castilhista no Brasil.

O governo do Marechal Deodoro se estendeu do final de 1889 até 1891. Tratou-se de um governo de militares (um regime militar), que liderou o Brasil. Deodoro da Fonseca liderava uma junta de militares e tinha como seu vice-presidente, Floriano Peixoto.

No aspecto religioso, o governo republicano de Deodoro concretizou a separação entre o Estado e a Igreja: apesar do povo brasileiro ser católico, o país deixava de ser oficialmente e confessadamente católico. O Estado se tornou laico e, apesar das deficiências do Império, um passo decisivo foi dado em direção à secularização do Brasil.

ATIVIDADES

1. Faça um resumo desta aula, explicando as consequências da influência das ideias republicanas e positivistas no Brasil.
2. Quando foi proclamada a República no Brasil?
3. O que foi castilhismo? Explique.



AULA 32

REVISÃO DE CONTEÚDO – ATIVIDADES

1. É correto afirmar que a ideia de Império se repetiu ao longo da história do Ocidente? Explique.
2. Explique como ocorreu o processo de infiltração comunista no Ocidente, durante a Guerra Fria.
3. Como o padre Baldomero Ortoneda refutou o marxismo-leninismo?
4. O que foi a Escola de Frankfurt?
5. Explique sobre o desenvolvimento do Estado Moderno.
6. O que é imanentismo?
7. Qual era a situação dos trabalhadores com o surgimento da sociedade industrial?
8. O que foi o futurismo italiano?
9. O que é o movimento tecnocrático? Ou seja, o que é e quais as origens da Tecnocracia? Explique.
10. Por que a Tecnocracia seria um “denominador comum” entre o socialismo e o capitalismo?
11. O que é o Globalismo?
12. A ideia de um Estado Mundial ou Estado Global é antiga ou é algo recente? Explique:
13. Descreva o processo pelo qual o Ocidente foi secularizado.



AULA 35

O GLOBALISMO: AS ORIGENS DE NOSSOS PROBLEMAS (PARTE 2)



presidente norte-americano, criador da política chamada de New Deal, afirmava que em política não há coincidências e acidentes. Há pelo menos uns duzentos e cinquenta anos, conforme alguns autores, certos grupos familiares têm agido conforme seus interesses e atuado em função de um projeto político. Tal seria, atualmente, o fenômeno que aludimos: o **Globalismo**. Desde o final do século XVIII, surgiu nas mentes de alguns intelectuais e líderes de famílias, a ideia de um tipo de internacionalismo, um governo acima das várias nações, que fosse capaz de uma unificação do globo. Trata-se da velha ideia imperial, mas, desta vez, o império abrangeria os vários continentes e suas nações.

Em Kant, por exemplo, já se vislumbra a ideia de uma **Liga das Nações** ou **Organização das Nações Unidas (ONU)**. O trecho a seguir de Adam Weishaupt é muito chamativo:

“No momento em que os homens se uniram em nações, deixaram de se reconhecer sob um nome comum. O Nacionalismo ou Amor Nacional tomou o lugar do Amor Universal. Com a divisão do Globo e seus países, a benevolência foi confinada a limites que nunca mais deveria transgredir. Então, para alcançar esse objetivo, passou a ser permissível desprezar estrangeiros, enganá-los, ofendê-los. Essa virtude foi chamada de patriotismo (...) Assim, vemos que o patriotismo deu origem ao localismo, ao espírito de família e finalmente ao egoísmo. A origem dos estados ou governos da sociedade civil foi a semente da discórdia e o patriotismo encontrou sua punição em si mesmo (...). Diminua, acabe com este amor ao país e os homens aprenderão a conhecer e a amar aos outros homens, não haverá parcialidade...” – Adam Weishaupt



Adam Weishaupt, criador da sociedade secreta dos Illuminati da Baviera. Weishaupt tinha uma formação erudita e desejava atuar no sentido de criar uma Nova Ordem. Sua organização secreta operava por meio de infiltrações em outras sociedades, como a Maçonaria, além da espionagem e chantagem.

Tanto por meio da atuação de sociedades secretas como a **Maçonaria** (de origem inglesa/escocesa) que, rapidamente, adentrou na França, Espanha, Portugal, Estados Unidos, Brasil, Alemanha, Itália, etc., como dos **Illuminati de Weishaupt**, que atuavam se infiltrando nas sociedades europeias e na própria Maçonaria, configurava-se a implantação de uma nova

ordem internacional e política, fundada nos princípios do Iluminismo do século XVIII, e as ideologias liberais, panteístas, naturalistas e socialistas saídas como se fossem uma extensão do movimento europeu. Este é um tema espinhoso e complexo e muita coisa ainda deve ser investigada e descoberta. Há dados biográficos de muitos personagens que nos são ocultados ou envoltos num véu de desinformações.

Portanto, as raízes do que chamamos de Globalismo estão: **a)** *no contexto do século XVII e especialmente do século XVIII, na chamada Era das Luzes (Iluminismo), quando, gradualmente, se formou um certo cosmopolitismo e uma visão de nova ordem;* **b)** *na atuação das sociedades secretas, que apoiaram e defenderam as ideias iluministas, como um novo tipo de universalismo anticlerical, antirreligioso, puramente natural, racional (às vezes, de fundo panteísta);* **c)** *na atuação muitas vezes articulada e nos interesses de grupos familiares (muitas vezes famílias bancárias ou senhoras de grandes setores da indústria) no sentido de criar um império financeiro, econômico e político liderado por elas (“governança global”);* **d)** *em questões de ordem espiritual: o Globalismo é a expressão da velha soberba dos homens em querer ser autossuficientes com relação a Deus, ou seja, desejam ser como Deus, tomar Seu lugar e criar um Reino puramente humano como foi na época da Torre de Babel.*

A família Rothschild – A família Rothschild foi fundada por Mayer Amschel Rothschild (1744-1812), que era um banqueiro financiador de reis e governantes na Alemanha. Originariamente, Mayer Amschel estava estabelecido em Frankfurt, no antigo Sacro Império Romano-Germânico. Contudo, sua família prosperou e os negócios bancários cresceram rapidamente ao ponto da família Rothschild



Família Rothschild

se tornar a família de banqueiros mais ricos e influentes da Europa. Amschel Rothschild teve cinco filhos: um deles ficou em Frankfurt, responsável pelo banco original da família, mas os outros filhos espalharam-se pelas principais capitais da Europa e se infiltraram em seu meio financeiro.

No século XIX, a família Rothschild se transformou na família mais rica e influente, de forma que a maioria dos governos europeus tinha algum tipo de vínculo e/ou dependência com relação aos banqueiros. Como diz Stuart Craine: “*ao examinarmos todas as guerras da Europa no século XIX, descobrimos que elas sempre terminavam com um ‘equilíbrio de poder’. A cada redistribuição, havia um equilíbrio de poder com um novo reagrupamento ao redor da Casa dos Rothschild na Inglaterra, na França ou na Áustria. Eles agruparam as nações de modo que se algum rei saísse da linha, explodiria uma guerra, e ela seria decidida pelo modo como o financiamento ocorresse.*”. E, conforme analisou Gary Allen, o historiador norte-americano Carrol Quigley, ao se referir aos grandes banqueiros internacionais, afirmou que eles são “*cosmopolitas e internacionais; eram próximos dos governos e particularmente preocupados com dívidas e, particularmente, dívidas externas...*”.

Além da família Rothschild, há uma série de outras famílias que se transformaram em casas dinásticas que se interligam e detêm o poder financeiro, bancário, industrial e econômico: **família Rockefeller**, **família Du Pont**, **família Wallensberg**, **família Morgan**, etc. Os banqueiros internacionais criam mecanismos de controle e financiam pessoas e movimentos políticos para alterar a política econômica das nações, de forma que cada vez mais fiquem dependentes de organismos financeiros e organizações políticas supranacionais.



Família Rockefeller



Família Du Pont

Atualmente, eles têm o controle da maioria das grandes empresas, das quais as pessoas comuns compram a maioria dos seus bens: desde empresas cinematográficas (como a Disney ou a Warner Bros), até empresas de bens alimentícios ou grandes produtoras e montadoras de veículos, as organizações e empresas das famílias internacionalistas possuem as ações majoritárias das empresas. O que queremos dizer é que há uma empresa que é a acionista majoritária da maioria das outras empresas, produtoras e indústrias: trata-se da **Black**

Rock.

A Black Rock é uma empresa de fundos de investimento que controla uma enorme quantia (equivalente à metade do Produto Interno Bruto dos Estados Unidos). O CEO da Black Rock é o empresário e megainvestidor Larry Fink. Contudo, quando procuramos saber quem controla de fato a Black Rock, quem são seus acionistas, descobrimos que há uma outra empresa: a **Vanguard**. Trata-se de um enorme e monstruoso esquema de controle efetivado pela elite de banqueiros, financistas e investidores internacionais.

ATIVIDADES

1. Faça um resumo da aula.